OLÁ PROFESSOR(A),

O Centro de Referências em Educação Integral, com o apoio de diversos parceiros, elaborou este conjunto de materiais que chega às suas mãos com a proposta de trazer subsídios, ferramentas e dicas para que você possa implementar práticas pedagógicas que favoreçam o desenvolvimento integral dos estudantes.

As práticas foram elaboradas com base em experiências concretas realizadas por escolas e organizações que atuam para a promoção da Educação Integral em todo o país. Elas valorizam o contexto dos estudantes, propõem formas inovadoras de trabalhar conteúdos e consideram o território como um importante espaço de aprendizagem.

Para a elaboração deste kit, partimos da mandala, pois ela representa, a partir de uma abordagem sistêmica, a proposta pedagógica de articulação, integração e interação entre as áreas do conhecimento e os saberes locais, entre escola e comunidade, nas diferentes etapas, considerando o estudante como o centro do processo educativo.

Neste material, você irá encontrar as práticas organizadas em diferentes estratégias. A ideia é que você possa lançar mão de múltiplas possibilidades – combinando-as como quiser –, de acordo com a sua intencionalidade pedagógica.

Veja ainda, neste kit, os materiais que apresentam a proposta da Educação Integral, os pressupostos de uma atuação docente nessa perspectiva e o detalhamento das dimensões que compõem a mandala.

No site do Centro de Referências em Educação Integral (*educacaointegral.org.br*) você irá encontrar outros materiais complementares para cada uma das práticas sistematizadas neste kit, com links, pesquisas e demais documentos que podem auxiliá-lo(a) na implementação em sala de aula. Cada carta contém um link e um QR code que a integra à plataforma virtual.

Esperamos que este material possa inspirá-lo(a), motivá-lo(a) e colaborar para práticas pedagógicas que garantam o aprendizado e o desenvolvimento integral de todos e de cada um de nossos estudantes.

Bom trabalho!

EDUCAÇÃO INTEGRAL

A Educação Integral (EI) é uma concepção que compreende que a educação deve garantir o desenvolvimento dos sujeitos em todas as suas dimensões - intelectual, física, emocional, social e cultural - e se constituir como projeto coletivo, compartilhado por crianças, jovens, famílias, educadores, gestores e comunidades locais. Assim, não se trata de uma modalidade da educação, mas a sua própria definição.

Nesse contexto, a escola se converte em um espaço essencial para assegurar que todos e todas tenham garantida uma formação integral. Ela assume o papel de articuladora das diversas experiências educativas que os alunos podem viver dentro e fora da escola a partir de uma intencionalidade clara que favoreça as aprendizagens importantes para o seu desenvolvimento integral.

Tendo essa perspectiva em vista, há uma série de princípios que são a base de uma Educação Integral, como a centralidade, a singularidade e a diversidade desses educandos. Isso significa que todas as dimensões do projeto pedagógico (currículo, práticas educativas, recursos, agentes educativos, espaços e tempos) são construídas, permanentemente avaliadas e reorientadas a partir do contexto, interesses, necessidades de aprendizagem e desenvolvimento e perspectivas de futuro dos alunos.

Para garantir de fato o desenvolvimento desse sujeito na sua multidimensionalidade, a Educação Integral pressupõe que os conteúdos acadêmicos se articulem aos saberes dos alunos e comunidades, dialogando com diferentes linguagens e compondo experiências formativas que envolvem e integram o conhecimento do corpo, das emoções, das relações e dos códigos socioculturais.

Esse currículo integrado e integrador rompe, assim, com a lógica de fragmentação das disciplinas e dá sentido aos conteúdos a partir das trajetórias, experiências e relações dos sujeitos envolvidos nos processos educativos.
O aprendizado passa, portanto, a ser muito mais significativo para os estudantes, que encontram espaço para a livre criação de suas culturas e a possibilidade de se posicionar diante das questões da escola e da comunidade.

Além disso, os espaços educativos tradicionais, como a sala de aula, deixam de ser considerados como os únicos locais de aprendizagem. Todos os espaços (escolares e não escolares) têm na Educação Integral seu potencial educativo reconhecido e devem ser integrados de forma planejada, na perspectiva de assegurar interações significativas que garantam o aprendizado.

O território ganha, portanto, um papel central no processo de ensino-aprendizagem: pessoas, saberes e recursos diferenciados podem ser articulados ao itinerário formativo dos alunos, enriquecendo seu repertório, ampliando seu olhar sobre o território e fortalecendo sua autonomia para estabelecer conexões possíveis para além das instituições.

POLÍTICAS PÚBLICAS DE EDUCAÇÃO INTEGRAL

Políticas públicas e programas construídos com base nos compromissos da Educação Integral e que visam ampliar o tempo de permanência das crianças e adolescentes na escola são ampliados gradativamente no Brasil.

A meta 6 do Plano Nacional de Educação (PNE), em vigor desde junho de 2014, aponta que, até 2024, pelo menos metade das escolas de ensino básico deve oferecer ensino em tempo integral, atendendo a, no mínimo, 25% dos estudantes.

O desafio posto agora é que, cada vez mais, essa ampliação da jornada escolar seja um ativo para que a educação possa propiciar aos alunos acesso às mais diferentes, complexas, ricas, diversificadas e qualificadas interações sociais, ampliando, assim, o seu universo social e cultural e garantindo o seu desenvolvimento integral.

Isso significa pensar e implementar uma educação de fato integral, que se comprometa com a estruturação de estratégias que garantam a todos, em condições de igualdade, o direito a uma educação de qualidade.

Para tanto, é necessário garantir na gestão dessa política educacional dispositivos que promovam qualidade com equidade, incluindo:

- Planejamento da gestão educacional – definição clara de desafios, metas e estratégias;
- Alinhamento entre os atores envolvidos no sistema: convergência de esforços em todos os níveis;
- Modelo de gestão estruturado e sustentável que articule de maneira dialógica a Secretaria e as escolas;
- Articulação intersetorial que garanta complementaridade as estratégias escolares.
- Marcos legais que assegurem sustentação à política.

MANDALA

A mandala é uma representação simbólica que visa apresentar, a partir de uma abordagem sistêmica, a proposta pedagógica de articulação, integração e interação de saberes escolares e saberes locais, entre a escola e a comunidade, para a busca e a efetivação da Educação Integral.



- **Dimensões do sujeito**
- **Direitos de aprendizagem**
- **Etapas**
- **Áreas do conhecimento**
- **Saberes do território**
- **Estratégias**

Espaços, tempos, agentes e saberes **são transversais e perpassam todos os elementos da mandala.**

Cada um dos anéis da mandala – em constante diálogo – representa um aspecto a ser considerado nesse processo de ensino-aprendizagem, que deve ser fomentado a partir das múltiplas possibilidades de trocas e mediações entre escola e comunidade, visando a formação do estudante na sua multidimensionalidade.

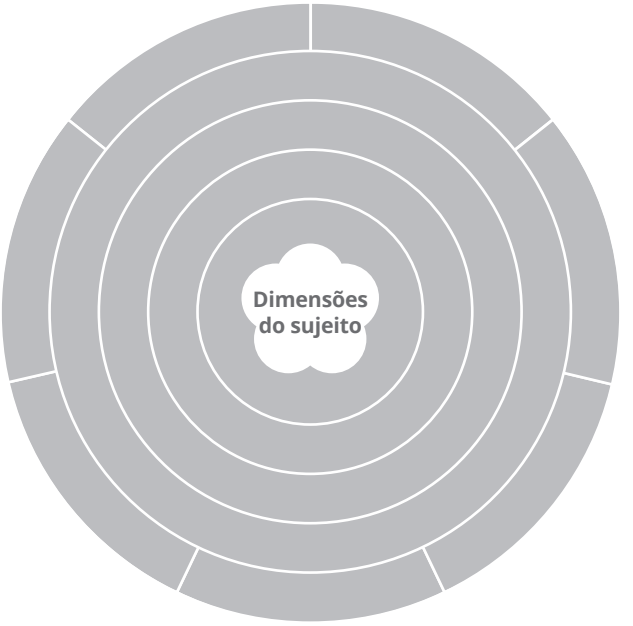
A intenção é que ela seja um instrumento e ferramenta de auxílio e de orientação à construção de estratégias pedagógicas para a Educação Integral, permitindo que o educador possa lançar mão de diferentes conexões entre os vários anéis para desenvolver uma educação significativa para seus alunos.

A mandala tem como ponto de partida o olhar sobre a centralidade do sujeito – seja a criança, adolescente ou adulto – na perspectiva de garantir o seu desenvolvimento em todas as dimensões - intelectual, física, emocional, social e cultural. A partir desse centro, o educador conduzirá o seu processo pedagógico, que favorece os direitos de aprendizagem e respeita as especificidades de cada etapa da educação básica.

Para que o currículo seja de fato significativo para esse aluno, o educador estabelece, então, uma conexão entre as diversas áreas do conhecimento e os saberes do território, lançando mão de diferentes estratégias disponíveis, que favorecem a participação ativa do estudante, o processo de autoria e autonomia, respeitam as diferentes formas de aprender e garantem a articulação e combinação de saberes e práticas que estão em diversos espaços, na escola, na família e no território da cidade.

DIMENSÕES DO SUJEITO

A Educação Integral é uma concepção que compreende que a educação deve garantir o desenvolvimento dos sujeitos em todas as suas dimensões: intelectual, física, emocional, social e cultural.



educacaointegral.org.br/especiais/praticas-pedagogicas/mandala/

Essa multidimensionalidade do ser humano e a peculiaridade do desenvolvimento de crianças, adolescentes e jovens, considerando o corpo, a mente e a vida social, no sentido da construção da cidadania e do sujeito autônomo, deve estar contemplada em todos os aspectos do processo de ensino-aprendizagem, garantindo interações e estratégias que favoreçam não apenas o aspecto intelectual, mas todas as outras dimensões, entendendo-as como interligadas e codependentes.

Reconhecer essas várias dimensões do estudante significa que, para a Educação Integral, os conteúdos acadêmicos devem se articular aos saberes dos alunos e comunidades, dialogando com diferentes linguagens e experiências formativas que envolvem e integram o conhecimento do corpo, das emoções, das relações e dos códigos socioculturais.

DIREITOS DE APRENDIZAGEM

Todas as crianças, adolescentes e jovens no Brasil têm o direito a uma formação de qualidade, que lhes permita ser sujeitos críticos, autônomos e responsáveis consigo mesmos e com o mundo.



educacaointegral.org.br/especiais/praticas-pedagogicas/mandala/

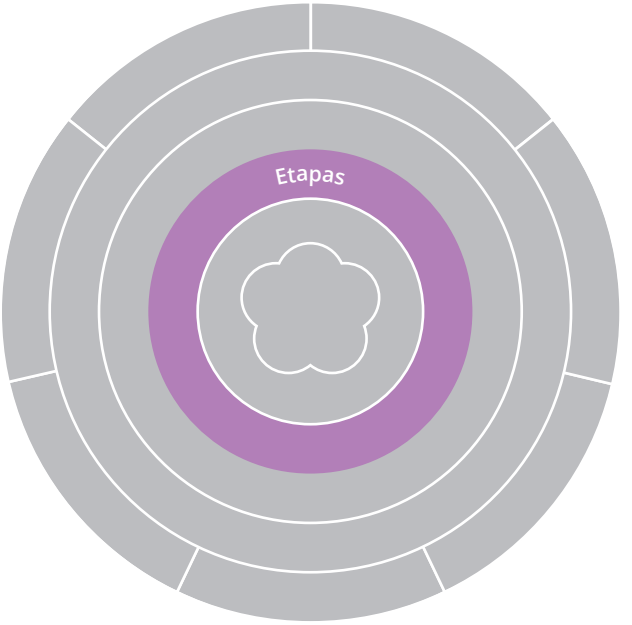
Por isso, a Educação Integral reconhece o direito de todos e todas de aprender e acessar oportunidades educativas diferenciadas e diversificadas a partir da interação com múltiplas linguagens, recursos, espaços, saberes e agentes, condição fundamental para o enfrentamento das desigualdades educacionais.

O que se espera, portanto, é fomentar práticas que permitam aos estudantes serem criadores e produtores de culturas próprias construídas na interação com seus pares e no intercâmbio entre idades e gerações.

Entre os direitos de aprendizagem, destacam-se Multiletramentos, Sociabilidade e Participação, Pensamento crítico e criativo e Autoconhecimento e Projeto de vida.

ETAPAS

O sistema de ensino brasileiro é composto de diversas etapas, e os educadores, ao elaborarem sua prática pedagógica, devem adequá-la às especificidades e ao foco da aprendizagem determinada para cada uma delas.



educacaointegral.org.br/especiais/praticas-pedagogicas/mandala/

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) e o Plano Nacional de Educação (PNE) apontam os objetivos e as metas de aprendizagem para cada etapa, destacando os conteúdos a serem trabalhados.

- **Educação Infantil**

Atende alunos de zero a cinco anos, sendo que reúne duas fases: creches (de zero a três anos) e pré-escolas (quatro e cinco anos).

- **Ensino Fundamental**

Atende estudantes de seis a 14 anos, englobando dois ciclos:
- Ensino Fundamental I - anos iniciais - 1º ao 5º ano
- Ensino Fundamental II - anos finais - 6º ao 9º ano

- **Ensino Médio**

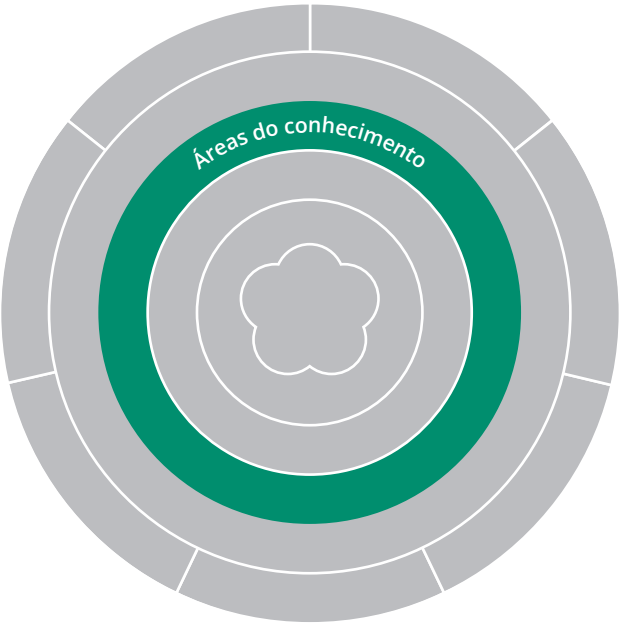
Atende estudantes de 15 a 17 anos, contemplando do 1º ao 3º ano.

- **Educação de Jovens e Adultos (EJA)**

A partir dos 18 anos, com a proposta de oferecer o Ensino Fundamental e Médio para as pessoas que não frequentaram a escola na idade-série adequada.

ÁREAS DO CONHECIMENTO

O currículo da educação básica é organizado em áreas de conhecimento, que reúnem os saberes sistematizados pela sociedade e, portanto, importantes de serem transmitidos e compartilhados com os educandos no processo de ensino-aprendizagem.



educacaointegral.org.br/especiais/praticas-pedagogicas/mandala/

Essas áreas contemplam todos os componentes curriculares: Linguagens (Arte, Educação Física, Língua Estrangeira Moderna e Língua Portuguesa), Matemática, Ciências da Natureza (Física, Ciências, Biologia e Química), Ciências Humanas (História, Geografia, Filosofia e Sociologia) e Ensino Religioso.

Na perspectiva da Educação Integral, a organização curricular pressupõe o acesso do estudante a todas as áreas do conhecimento de maneira articulada e permanente, rompendo com a fragmentação das disciplinas e dando sentido aos conteúdos a partir das questões, trajetórias, experiências e relações dos sujeitos envolvidos nos processos educativos.

SABERES DO TERRITÓRIO

Construir um processo de ensino-aprendizagem significativo passa por reconhecer que os saberes não se restringem aos conhecimentos acadêmicos. Reconhecer os saberes que os estudantes estabelecem na relação com o mundo e com a forma de viver são fundamentais para que eles possam ampliar o seu repertório e estabelecer conexões com o que aprendem na escola.



educacaointegral.org.br/especiais/praticas-pedagogicas/mandala/

Afinal, em cada local, há formas específicas de habitar, vestir, comer, narrar histórias, se expressar artisticamente, cuidar da saúde, se relacionar com o meio ambiente, estruturar o poder político, lutar por direitos, brincar, enfim...

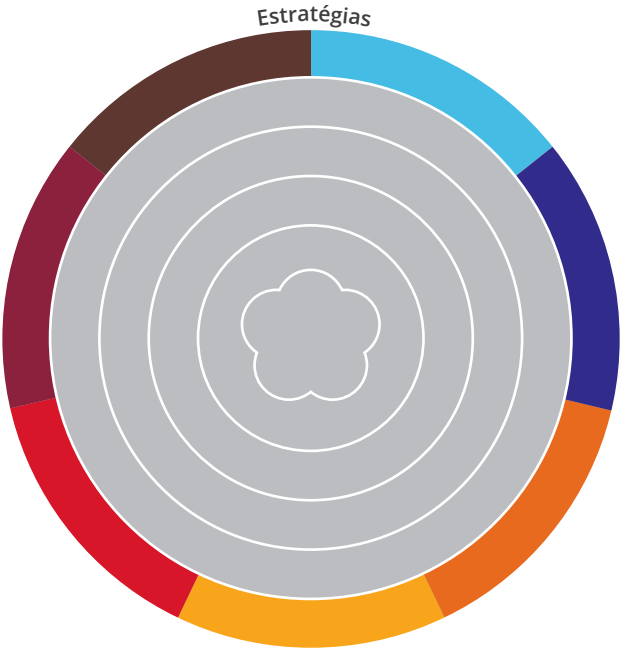
O território é, assim, um importante espaço de aprendizagem que ajuda os estudantes a construírem sentido para o que estão aprendendo, a partir de vivências e práticas culturais concretas: as relações que estabelecem, os saberes que já trazem para a escola, as crenças os valores com os quais se identificam. Pessoas, saberes, recursos diferenciados podem ser articulados ao itinerário formativo dos alunos, garantindo novas aprendizagens, ampliando seu olhar sobre o outro e sobre a própria cidade e fortalecendo sua autonomia para estabelecer conexões possíveis para além das instituições.

Na perspectiva da Educação Integral, a escola assume, assim, a disposição para o diálogo e para a construção de um projeto pedagógico que contemple princípios e ações compartilhadas, conectando saberes oriundos de distintas experiências e avançando na direção da escuta mútua e das trocas capazes de constituir saberes pertinentes e contextualizados.

Entre os saberes do território, destacam-se: Brincadeiras, Línguas faladas, Alimentação, Corpo/Vestuário, Habitação, Calendário local, Narrativas locais, Expressões artísticas, Curas e rezas, Mundo do trabalho, Condições ambientais e Organização política.

ESTRATÉGIAS

Para desenvolver um processo de ensino-aprendizagem tendo como pressupostos os princípios da Educação Integral, o educador deve lançar mão de múltiplas e diversas estratégias, levando em consideração o público, a etapa e as áreas de conhecimento.
A partir daí, de acordo com as especificidades da classe e dos alunos, o educador poderá diversificar atividades coletivas e individuais, com estratégias que potencializam a abordagem de determinados conteúdos, assim como podem estimular diferentes habilidades e competências dos estudantes.



educacaointegral.org.br/especiais/praticas-pedagogicas/mandala/

Porém, seja qual for a estratégia escolhida, ela deve ter clara intencionalidade pedagógica e compor um planejamento integrado que defina objetivos e metas de aprendizagem.

As diversas estratégias permitem que os educadores consigam contemplar a singularidade de cada estudante na construção do seu percurso formativo. A ideia é que a pluralidade de métodos e intervenções possam ser colocados em prática a partir das necessidades e interesses dos estudantes, assim como dos objetivos de aprendizagem e desenvolvimento definidos no currículo.

Lembre-se de que as estratégias se inter-relacionam e cabe ao professor promover essas conexões.

Para cada estratégia, há um conjunto de práticas sugeridas, que apontam caminhos e possibilidades de ação junto aos alunos e à comunidade escolar. Elas trazem em sua essência e valorizam o contexto dos estudantes, propõem formas inovadoras para abordar conteúdos do currículo e consideram o território como um importante espaço de aprendizagem.

As práticas também ganham ainda mais força quando articuladas umas às outras, estabelecendo pontes entre os conteúdos trabalhados em cada uma delas. Entre as estratégias estão: Ensino-aprendizagem na cidade, Letramento e Cultura digital, Monitoria entre pares, Participação educativa da comunidade, Personalização, Experimentação e Múltiplas interações.

ENSINO-APRENDIZAGEM NA CIDADE

A Educação Integral compreende que o processo educativo pode e deve ir além dos muros da escola: a educação deve ganhar a cidade. Assim, espaços como centros culturais, cinemas, teatros e praças, agentes como artistas, educadores populares e famílias, políticas públicas e iniciativas locais de cultura, saúde, assistência social e desenvolvimento urbano, entre outras possibilidades, podem se converter em oportunidades educativas conectadas ao cotidiano das escolas.

A ideia é permitir circulação e exploração de novos ambientes e da diversidade cultural necessárias para que os alunos aprendam a convivência e a negociação de sentidos, a partir da apropriação das múltiplas possibilidades educativas hoje existentes no âmbito do território onde vivem.

Com isso, essa rede, além de enriquecer o percurso formativo dos estudantes, contribui para fortalecer as relações de confiança entre instituições e cidadãos, criando melhores condições para o envolvimento ativo de todos na construção de uma rede educadora. Essa intensa participação promove uma cidade que acolhe e potencializa o trabalho das escolas, efetivando o conjunto de aprendizagens que as novas gerações necessitam e desejam.

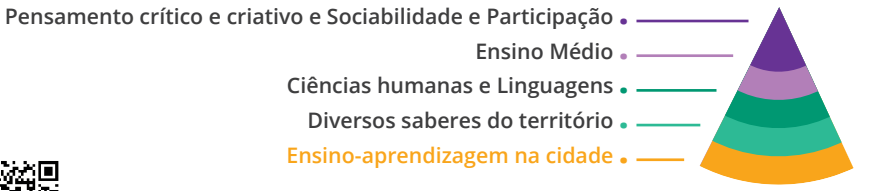
Ao utilizar o território como espaço de aprendizagem, a escola permite que os estudantes conheçam e reconheçam o lugar em que vivem – como é o bairro, que pessoas moram ali, que formas de expressão cultural e histórias são contadas ali –, ajudando-os a construírem um sentido para o aprender a partir de vivências e práticas culturais concretas: as relações que estabelecem, os saberes, crenças e valores que trazem.

Sair da escola e estar no território também possibilita às crianças e aos jovens identificar suas características, vivenciar os conflitos que ali se estabelecem e propor soluções para enfrentá-los, garantindo, inclusive, o direito que eles têm à cidade.

Ao circular por esses novos espaços, a escola instiga outros modos de aprender, que vão além da sala de aula, estabelecendo um diálogo mais próximo com os saberes das famílias e comunidades, o que contribui para um currículo que valoriza o conhecimento popular tanto quanto o acadêmico.

CARTOGRAFIA

A cartografia parte do pressuposto de que a cidade deve ser explorada e apropriada pelos estudantes. A utilização do mapa é ponto de partida para estimular a relação do aluno com seu território e com a cidade em que vive. A prática faz uso de um mapa, desenhado ou impresso, e estimula que o aluno registre nesse material seus desejos pessoais e profissionais – relacionados ao seu projeto de vida –, além de oportunidades e pontos de seu interesse, aprimorando seu repertório e condição de cidadão. A ideia é também que os estudantes possam visitar os locais registrados.



Planeje

- Defina o modelo de mapa (impresso ou desenhado pelos alunos) e sua abrangência: um bairro, uma determinada região ou toda cidade;
- Pesquise as potencialidades e os parceiros da região definida;
- Escolha, junto aos estudantes, o tema a ser trabalhado (exemplos: acesso à universidade, oportunidades de emprego, atividades culturais e de lazer etc.);
- Defina a duração da atividade: ela pode permear todo o ano letivo ou ser apresentada como um projeto;
- Combine com os estudantes se a prática será individual ou em grupo, construindo um produto coletivo da classe.

Implemente

- Oriente os alunos na produção (desenho ou impressão) dos mapas, considerando o modelo e a abrangência escolhidos;
- Trabalhe os conteúdos do tema definido previamente, trazendo informações relevantes e complementares;
- Oriente os estudantes em relação à pesquisa, exploração e registro nos mapas;
- Acompanhe o registro das informações nos mapas e instigue os alunos para que sejam criativos (exemplos: com desenhos, colagens etc.);
- Estimule os alunos a visitarem os locais que estiverem na lista de oportunidades de interesse. Caso haja uma grande quantidade de estudantes com os mesmos interesses, considere a possibilidade de realizar uma visita coletiva.

Avalie

- Crie com os alunos instrumentos de acompanhamento, como um diário de bordo das pesquisas realizadas, trabalhando paralelamente a qualidade do registro, a atenção à escrita e as formas de sistematização do que foi estudado;
- Registre a evolução do trabalho e ouça as sugestões dos jovens em relação a temas de interesse que gostariam de incluir em seus mapas;
- Estabeleça as ferramentas de avaliação – como um marco inicial e marco final –, de forma a aferir a apropriação da cidade pelos jovens.

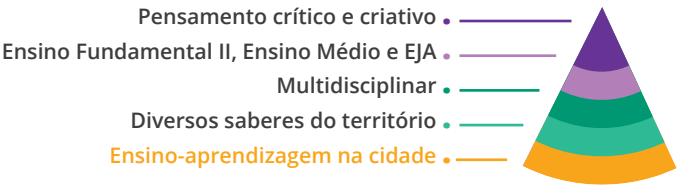
Institucionalize

- Incorpore a prática em todas as atividades curriculares, adaptando-a de acordo com o tema central a ser discutido junto aos alunos;
- Crie uma ferramenta coletiva da escola – como um mapa ou mural digital – em que as produções estejam contempladas e que possa ser atualizada por todos os alunos e professores em atividades similares ao longo do tempo;
- Sistematize os resultados e divulgue em locais públicos do entorno da escola, escolhidos com os jovens a partir de suas pesquisas.

#ficaadica: A prática visa ampliar o repertório dos estudantes sobre as oportunidades educativas e desenvolvimento profissional existentes no território e na cidade. Ao explorar os espaços e estabelecer contato com pessoas e lugares que anteriormente não conheciam, novas portas se abrem. Estimule essas conexões.

CIRCUITO DE APRENDIZAGEM NO TERRITÓRIO

A exploração e o reconhecimento do território permitem uma série de aprendizagens que amplia e traz novas perspectivas para os conhecimentos adquiridos em sala de aula.
O circuito de aprendizagem é uma oportunidade para que os estudantes conheçam o lugar em que vivem e aprendam com vivências e práticas culturais concretas. A estratégia de sair e circular no bairro também possibilita a transformação do lugar e demarca o direito ao espaço público. Por meio da definição de um tema, de um circuito de visitação e de um roteiro de pesquisa, elaborado coletivamente e de maneira interdisciplinar, professores e alunos exploram a comunidade e sistematizam as aprendizagens em um produto final.



educacaointegral.org.br/especiais/praticas-pedagogicas/praticas/circuito-territorio/

Planeje

- Faça um levantamento de quais professores gostariam de realizar esta prática e elenque quais conteúdos eles têm interesse de trabalhar no circuito;
- Defina, em conjunto com os demais colegas, um tema para o circuito, que deve relacionar os conteúdos que precisam ser trabalhados em cada disciplina (exemplo: o tema "Modos de vida/Habitação" pode articular assuntos da História, como a história do bairro e sua relação com a história do Brasil; da Geografia, como a cartografia; da Física, como conceitos e cálculos relacionados com a construção de uma casa, entre outros).
- Escolha cerca de três lugares no território para a visitação, a fim de explorar o tema definido;
- Registre quais conteúdos podem ser trabalhados e explorados nos espaços escolhidos;
- Elabore, junto a outros professores, e valide com os estudantes, um roteiro de pesquisa que servirá de suporte ao processo de aprendizagem no território. O roteiro deve conter os lugares de visitação, questões disparadoras e os conteúdos possíveis de serem trabalhados (exemplo: no tema Modos de vida/Habitação, são espaços para visitação: um apartamento na zona central da cidade e uma moradia na favela. Como questões disparadoras, você pode incluir: Quais diferenças são possíveis de destacar entre as formas de vida? Como é o espaço do entorno? Onde mora mais gente? Vale incluir atividades práticas, como, medir as distâncias entre as casas e as ruas ou fotografar diferentes tipos de arquitetura);
- Organize um grupo de, no máximo, 30 alunos para cada professor;
- Agende a visita aos lugares definidos e elabore um cronograma.

Implemente

- Realize as visitas programadas no território;
- Oriente os estudantes a realizarem entrevistas e observações pertinentes nos espaços visitados, tendo como suporte o roteiro de pesquisa;
- Discuta com os estudantes os conteúdos aprendidos durante a realização do circuito;
- Incentive os alunos a sistematizarem as aprendizagens em um produto final, como um livro, filme, mapa ou guia.

Avalie

- Avalie, mediante a elaboração do produto final, os conhecimentos adquiridos e os conceitos aprendidos no circuito.

Institucionalize

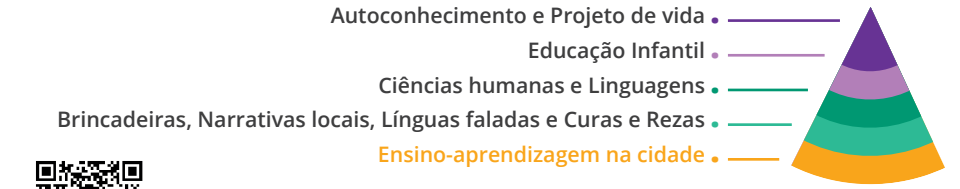
- Procure o apoio do coordenador pedagógico e evidencie os objetivos e resultados que podem ser alcançados com esta prática;
- Convide os demais professores para uma reunião de planejamento do circuito.

Os encontros e debates contínuos favorecem a institucionalização.

#ficaadica: O planejamento prévio é fundamental para a implementação desta prática. É importante construir coletivamente um roteiro de pesquisa consistente, que articule os conteúdos e as aprendizagens das diferentes disciplinas.

CRIAÇÃO DE BONECOS PARA A EQUIDADE RACIAL

A promoção da equidade racial é essencial em uma educação que visa valorizar as diversidades do ser humano, garantindo o desenvolvimento integral dos estudantes e de atitudes antirracistas. A criação de bonecos nessa perspectiva busca garantir a liberdade de expressão de alunos e educadores e convoca a diversidade presente nos territórios. Ao promover a história de vida do boneco – com características fenotípicas negras ou indígenas, por exemplo –, as crianças exercem sua capacidade imaginativa, trazendo elementos para discutir sobre as relações raciais existentes. O boneco passa, então, a canalizar interesses e humanizar o currículo educacional.



educacaointegral.org.br/especiais/praticas-pedagogicas/praticas/bonecos/

Planeje

- Colete e eleja algumas falas trazidas pelas crianças relacionadas ao tema que, muitas vezes, reforçam estereótipos ou o senso comum. Concretize essas percepções e hipóteses iniciais em produtos, como cartas, gravações de áudio, montagem de fotos etc. Esses materiais servirão de base para o momento de criação coletiva da história de vida do boneco e que, se oportuno, serão contestados.

Implemente

- Apresente um boneco – com características fenotípicas negras ou indígenas – para as crianças. Junto aos alunos, defina um nome para o boneco;
- Peça para que as crianças criem a história de vida do boneco a partir de reflexões do tipo: Como será a sua família e sua casa? Ele frequenta alguma escola? Quais suas brincadeiras?;
- Pesquise sobre os temas relacionados aos comentários que surgiram, lembrando de problematizar possíveis questões raciais que tenham surgido nas falas;
- Apresente os novos conhecimentos e revisite as primeiras hipóteses dos alunos com o objetivo de dialogar sobre suas percepções e ampliar seus repertórios;
- Registre as falas que surgirem a partir dessa nova apresentação e estimule que os alunos façam os próprios registros do que descobriram nas conversas;
- Estabeleça conexões entre a história de vida do boneco e a vida das crianças, envolvendo a família (exemplo: envie o boneco para as casas dos alunos).

Avalie

- A avaliação contínua pode ser realizada por meio de um portfólio individual da criança ou de um portfólio virtual do grupo, de um diário de bordo ou de um caderno de observação;
- Convide as famílias a contribuirem com fatos que irão compor a história de vida do boneco durante toda a prática. Para isso, envie roteiros para que os familiares contem suas próprias histórias.

Institucionalize

- Relacione essa prática com a possibilidade de aplicação das Leis Federais 10.639|03 e 11.645|08, que determinam a obrigatoriedade do ensino de História e Cultura Africana, Afrobrasileira e Indígena nos estabelecimentos de ensino, assumindo-a como atividade recorrente durante o ano letivo;
- Compartilhe a prática com outros educadores, estimulando que desenvolvam atividades similares com as suas turmas. Encontros entre salas e turmas são bem interessantes para ampliar o diálogo da comunidade escolar sobre a temática.

#ficaadica: É fundamental que todos os adultos participantes desta prática estejam envolvidos afetivamente com os bonecos e que escutem atentamente as crianças e suas hipóteses, afinal, para debater sobre as relações étnico-raciais, é preciso reconhecer e valorizar as identidades das crianças e assumir em suas falas e ações a importância da diversidade.

CRIAÇÃO DE PERSONAGENS HISTÓRICOS

A prática propõe a exploração do território como espaço de aprendizagem a partir de uma abordagem relacionada à memória e trajetória de determinado personagem histórico local. A proposta é aprofundar o conhecimento de um espaço que tenha relevância social, cultural, arquitetônica e/ou histórica, a partir do resgate da história contada por esse personagem, em visita guiada. É essencial que o professor realize, juntamente aos alunos, uma pesquisa acerca do vestuário, dos costumes e das memórias desse personagem.

Pensamento crítico e criativo e Sociabilidade e Participação
Ensino Fundamental I e II e Ensino Médio
Ciências humanas
Narrativas locais, Calendário local e Expressões artísticas
Ensino-aprendizagem na cidade



educacaointegral.org.br/especiais/praticas-pedagogicas/praticas/personagens/

Planeje

- Escolha um local que tenha relevância social, cultural, arquitetônica e/ou histórica;
- Conduza uma pesquisa junto aos alunos acerca desse local e identifique os principais personagens que fizeram parte do contexto em questão. Escolham um personagem histórico prioritário para o aprofundamento;
- Conduza uma pesquisa colaborativa com os estudantes sobre os costumes, vestuários, memórias e trajetórias do personagem escolhido;
- Identifique uma pessoa que possa representar tal personagem. Caso não se sinta à vontade para se caracterizar, busque parceria com escolas de teatro da região ou outros voluntários;
- Encaminhe à pessoa que irá representar o personagem todas as informações já levantadas a respeito e oriente-a sobre a necessidade de aprofundar de algum aspecto, incorporando novidades para o dia da visita;
- Defina um roteiro específico para que o personagem histórico conduza uma visita guiada com os estudantes.

Implemente

- Ao realizar a visita guiada com o personagem histórico, estabeleça conexões entre a época histórica em questão e os tempos atuais;
- Convide moradores locais para acompanhar o personagem histórico na visita, complementando as informações sobre a região;
- Oriente os alunos a registrarem a atividade por meio de fotos e/ou pequenos vídeos, considerando os recursos que estiverem disponíveis;
- Organize, em sala de aula, um debate a respeito dos novos conhecimentos adquiridos na visita guiada pelo personagem.

Avalie

- Desenvolva uma ferramenta de avaliação de opinião que permita aos alunos avaliarem a atividade e sugerirem aprimoramentos;
- Promova uma conversa com os estudantes para identificar o grau de conhecimento que tinham sobre a temática trabalhada e o que aprenderam com a atividade.

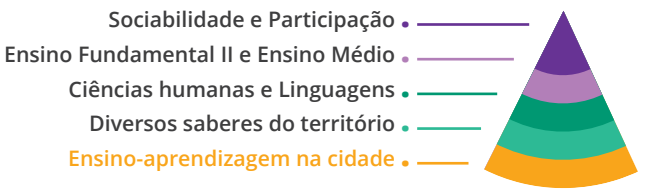
Institucionalize

- Incorpore a prática como parte da sua estratégia de ensino para conteúdos diversos, permitindo uma exploração constante do território por parte dos alunos;
- Incentive o engajamento de outros educadores na realização da atividade, tendo em vista a sua característica interdisciplinar;
- Realize um dia de atividades com os estudantes, solicitando que pesquisem sobre um personagem histórico de sua preferência e venham para a escola caracterizados, compartilhando com os demais alunos seu conhecimento.

#ficaadica: Uma dica importante é estabelecer as devidas conexões entre o momento histórico em questão e os tempos atuais, como, por exemplo, lembrar de um artista local que desenvolveu obras importantes para a cidade e o quanto sua prática influencia as novas gerações de artistas do território.

CULTURA IMATERIAL NA PRÁTICA

A valorização da cultura imaterial é uma poderosa forma de conexão dos alunos com o seu território. Buscar diferentes estratégias para incorporar os saberes locais à escola contribui para a preservação e difusão da cultura imaterial, ou seja, desse conjunto de conhecimentos que não são ensinados formalmente nos livros, mas transmitidos de forma prática, de geração para geração. São exemplos de cultura imaterial: manifestações artísticas (música, dança, teatro), aspectos religiosos, objetos construídos artesanalmente, bem como costumes e práticas tradicionais locais.



educacaointegral.org.br/especiais/praticas-pedagogicas/praticas/cultura-imaterial/

Planeje

- Pesquise manifestações artísticas, aspectos religiosos, objetos construídos artesanalmente, além de costumes e práticas tradicionais locais que possam ser discutidos com os alunos. Defina um deles para ser explorado com os estudantes;
- Busque possíveis parceiros no território que possam compartilhar esses conhecimentos de forma prática com os estudantes (exemplo: um mestre de capoeira, um *luthier* - profissional que trabalha, de modo artesanal, na construção de instrumentos-, um idoso que saiba brincadeiras tradicionais);
- Construa uma metodologia de ensino, estabelecendo referências técnicas, duração, resultados esperados etc., fazendo a conexão da manifestação cultural com o currículo.

Implemente

- Incentive, inicialmente, os estudantes a pesquisarem sobre a manifestação escolhida e compartilharem com os colegas;
- Promova encontros entre os seus parceiros e os estudantes, estabelecendo momentos de atividades práticas e de vivências, articulando o conhecimento prévio dos alunos sobre esses saberes;
- Organize atividades exploratórias nos locais do território nos quais essa manifestação/prática acontece (exemplo: uma oficina de luthieria, uma comunidade quilombola etc.);
- Incentive os estudantes a colocarem os conhecimentos adquiridos em prática, por meio da elaboração de um produto final.

Avalie

- Explore com os estudantes o que eles aprenderam e de que forma as discussões impactam a aproximação com o currículo previsto e com seus objetivos de desenvolvimento;
- Realize reuniões com os parceiros envolvidos na prática, pensando, quando do interesse, estratégias para dar continuidade às atividades;
- Ouça os estudantes e suas sugestões de melhoria para as próximas atividades.

Institucionalize

- Amplie o trabalho realizado levando-o a outras instituições, como universidades, escolas e apresentações públicas;
- Sistematize os resultados e compartilhe com outros educadores, integrando a atividade ao calendário escolar com regularidade, propondo periodicidade adequada e trazendo-a como estratégia pedagógica curricular, e não apenas como um projeto pontual.

#ficaadica: Para realizar um projeto de valorização e difusão da cultura imaterial, é preciso envolver o máximo de agentes. O segredo é o diálogo, desde a comunidade, passando pela escola (envolvendo professores e alunos) e chegando às universidades, museus etc. Todos têm com o que colaborar, afinal, a cultura imaterial pertence ao território e às pessoas que nele convivem.

ELABORAÇÃO E BANCA DE PROJETOS

A elaboração e banca de projetos é uma prática pedagógica focada na experimentação e circulação dos estudantes no território. Nessa proposta, os alunos trabalham coletivamente na identificação de uma ideia relevante para eles e de impacto para a comunidade onde vivem e desenvolvem uma proposta de intervenção, por meio de um projeto.
A iniciativa contempla uma pesquisa no território, a justificativa da ideia, além de aspectos operacionais. Os estudantes contam com a orientação de uma pré-banca, que avalia a ideia inicial, e de uma banca final com o projeto completo.

Pensamento crítico e criativo e Sociabilidade e Participação
Ensino Médio
Multidisciplinar
Diversos saberes do território
Ensino-aprendizagem na cidade



educacaointegral.org.br/especiais/praticas-pedagogicas/praticas/banca-projetos/

Planeje

- Busque o apoio institucional da escola, de forma que a iniciativa possa contar com a participação de professores de diversas disciplinas, garantindo uma ação interdisciplinar;
- Defina a duração total da prática, bem como as principais datas, tais como: prazo para entrega das ideias de projetos pelos alunos, pré-banca e banca final. A duração recomendada é de aproximadamente dois meses;
- Pesquise previamente locais relevantes e personalidades que possam ser envolvidos nos projetos dos alunos.

Implemente

- Oriente os alunos a formarem grupos com seis a dez participantes e a dividirem as responsabilidades;
- Dê exemplos de intervenções que podem ser propostas. Exemplos: registro da história do bairro utilizando linguagens artísticas (exposição fotográfica, vídeo), recuperação de espaços públicos, planos de negócios sociais (exemplo: estamparia). Incentive-os a trazerem outras ideias;
- Promova formas de os alunos conhecerem o entorno da escola, por meio de mapas, expedições investigativas e/ou entrevistas com moradores. Nesse momento, eles irão definir o tema central do projeto a partir de seus interesses e de demandas do território;
- Oriente os alunos sobre as etapas de escrita de um projeto: resumo da ideia, objetivos, metodologia, justificativa, cronograma e orçamento;
- Comunique claramente as datas: apresentação da ideia, pré-banca e banca;
- Valorize o momento da banca chamando convidados externos, pais e a comunidade;
- Converse com os estudantes sobre a importância de apresentarem suas ideias na banca, argumentando sobre a relevância de seus projetos para o território, defendendo-os perante os convidados;
- Envie previamente os materiais para os avaliadores da pré-banca e banca.

Avalie

- Faça reuniões de avaliação e correção de rotas com os alunos ao longo do projeto;
- Crie instrumentos e ferramentas de avaliação para a pré-banca e banca e compare a evolução dos grupos.

Institucionalize

- Organize uma feira de projetos e convide a comunidade para participar, divulgando-a em locais públicos do entorno da escola;
- Compartilhe os projetos elaborados pelos estudantes com parceiros da escola e convide-os a se tornarem “padrinhos” dos grupos, para que as propostas de intervenção possam ser concretizadas;
- Incentive os alunos a inscreverem os projetos em premiações, concursos etc.

#ficaadica: A iniciativa possibilita a conexão dos jovens com o seu território, bem como fortalece a crença de que eles são capazes de promover mudanças no local onde vivem. O professor deve ter o olhar da potencialidade, mas também adequar as propostas para que elas sejam factíveis e atinjam os resultados esperados.

EXPEDIÇÃO INVESTIGATIVA

A prática visa aproximar os estudantes do patrimônio material e imaterial da cidade, a partir da identificação de locais com relevância histórica, política e/ou arquitetônica e a definição de um roteiro de visitação. Na expedição, são utilizados recursos, como ilustrações, desenhos, fotografias etc., para auxiliar na observação e o registro do percurso. O material possibilita que a experiência dos estudantes seja revivida e compartilhada posteriormente com suas famílias e comunidade, disseminando os conhecimentos do território, além de ser um dispositivo para a retomada dos conteúdos em sala de aula.

Pensamento crítico e criativo e Sociabilidade e Participação
Ensino Fundamental I e II, Ensino Médio e EJA
Interdisciplinar
Diversos saberes do território
Ensino-aprendizagem na cidade



educacaointegral.org.br/especiais/praticas-pedagogicas/praticas/expedicao/

Planeje

- Escolha um local da cidade que tenha relevância histórica, política e/ou arquitetônica. Para fazer isso, busque informações em guias e sites turísticos ou em conversas com os moradores;
- Defina o roteiro, ou seja, os caminhos e locais específicos que a expedição contemplará. Avalie os melhores pontos para as paradas e explicações, considerando os lugares menos barulhentos;
- Verifique se os locais a serem visitados precisam de autorização prévia;
- Estabeleça o tempo de deslocamento, bem como a quantidade máxima de participantes;
- Busque pessoas, sejam elas guias turísticos, professores ou personalidades, que tenham conhecimento sobre as histórias da região. Nessa etapa, é importante checar tanto o conteúdo quanto a forma como as informações serão apresentadas aos estudantes. Quando possível, convoque outros agentes como parceiros da expedição;
- Solicite, com o apoio da gestão da escola, autorização dos responsáveis pelos alunos.

Implemente

- Adapte a linguagem e o vocabulário à faixa etária e ao perfil e interesses dos alunos;
- Oriente os estudantes sobre alguma preparação prévia (exemplo: necessário ir de roupas leves e confortáveis);
- Realize a expedição no dia e horário combinados;
- Desenvolva atividades de registro da experiência, realizadas pelos próprios alunos ou por voluntários, para consolidar e replicar o conhecimento adquirido. Vale desenhos, jogos, fotografias, músicas etc.

Avalie

- Crie ferramentas para avaliar a ampliação dos conhecimentos sobre o território e o patrimônio material e imaterial da cidade (exemplos: marco zero e marco final);
- Verifique se os conhecimentos da expedição estão sendo incorporados pelos alunos nas atividades em sala de aula, retomando pontos observados nos registros;
- Levante junto aos familiares se e como o material de registro foi compartilhado pelos alunos, conforme proposta pedagógica, e quais os resultados desse processo;
- Ouça as sugestões dos estudantes, pensando em novos roteiros e na realização da expedição original com outras turmas.

Institucionalize

- Apresente a prática aos demais professores no horário de planejamento coletivo, motivando-os a desenvolverem novos roteiros ou criarem expedições interdisciplinares;
- Sistematize os resultados e divulgue para os familiares dos alunos;
- Busque oportunidades de exposição dos trabalhos realizados no território.

#ficaadica: A metodologia pode ser realizada em qualquer região e, com o apoio da gestão escolar, é possível promover expedições para locais mais distantes da escola. O uso de linguagem adaptada à faixa etária e à realidade dos alunos é primordial. Incentivar o registro faz toda a diferença para ampliar a abrangência da experiência.

MEMÓRIA SOCIAL

A prática pressupõe o registro de experiências, histórias, sensações, emoções e sentimentos que, por um motivo ou outro, foram escolhidos para serem guardados na memória. Nesta prática, os alunos definem uma determinada região e buscam pessoas relevantes na localidade, convidando-as a contar suas histórias de um ponto de vista particular. A partir das diferentes narrativas, a memória do local é construída, em um processo de valorização das pessoas e do saber informal. Com esta prática, os alunos são desafiados a compreender múltiplas visões acerca de um mesmo local, montando um quebra-cabeça de saberes.

Sociabilidade e Participação
Educação Infantil e Ensino Fundamental I e II
Linguagens e Ciências humanas
Narrativas locais
Ensino-aprendizagem na cidade



Planeje

- Defina, junto aos alunos, uma determinada região. É interessante considerar o entorno da escola, de forma que os estudantes vivenciem um processo de valorização do território;
- Faça um levantamento prévio de pessoas relevantes para a localidade, envolvendo as famílias e a comunidade;
- Desenvolva, com os estudantes, um roteiro com itens e perguntas para balizar a etapa de coleta de informações e entrevistas;
- Faça um planejamento contendo ações e datas. Defina também grupos de alunos e responsáveis por cada atividade, bem como potenciais parceiros.

Implemente

- Estimule os alunos a coletarem documentos, fotos, objetos e identificar espaços e construções que considerem parte da história do local;
- Oriente os estudantes a produzirem narrativas, indo das histórias individuais às coletivas. Para isso, os grupos podem usar diferentes ferramentas, tais como entrevistas, rodas de histórias, linhas do tempo, seleção e coleta de utensílios e imagens;
- Organize, junto aos alunos, as informações coletadas. Nesta etapa, é essencial que se estabeleçam novas conexões entre as histórias encontradas;
- Peça aos alunos que registrem todo o processo em desenhos, fotos ou vídeos;
- Socialize o conteúdo produzido. Para isso, pode-se utilizar diferentes formatos: desde uma exposição, até a criação de um blog ou site, passando por uma apresentação em sala de aula ou a criação de produtos, como um livro, revista ou webrádio. Convide os participantes das entrevistas para todos os momentos de exposição.

Avalie

- Verifique todas as fases do processo: desde a etapa de pesquisa, passando pela organização das informações e histórias, até a socialização. Para isso, crie instrumentos simples, com no máximo cinco perguntas, voltados aos participantes de cada etapa;
- Faça rodas de avaliação quinzenais com os alunos, avaliando o andamento das atividades e corrigindo rotas, quando necessário.

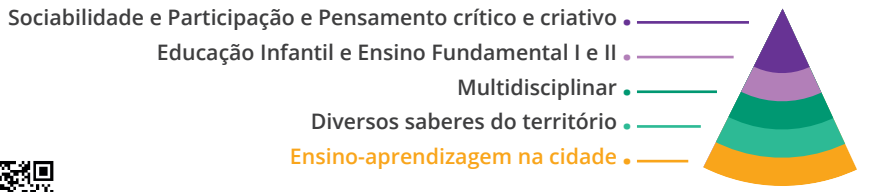
Institucionalize

- Amplie o alcance do projeto desenvolvendo novos produtos a partir do conteúdo já produzido;
- Busque locais no território para expor os trabalhos;
- Definam novos temas e locais a serem pesquisados, tendo em vista que essa metodologia pode ser parte do Projeto Político-Pedagógico (PPP) da escola.

#ficaadica: Ao compartilhar suas histórias e saberes, cada pessoa encontra no outro apoio, companhia, segurança e outros tipos de ajuda. Assim, esta prática trará aos alunos uma maior empatia e contribuirá para o desenvolvimento de sua capacidade de pensamento sistêmico.

TRILHAS EDUCATIVAS

As trilhas educativas são uma metodologia que incorpora os saberes comunitários ao currículo na perspectiva da Educação Integral. As trilhas são organizadas em projetos temáticos investigativos a partir dos interesses dos alunos que, em parceria com os educadores, elaboram um plano de investigação/estudo que atenda aos seus interesses de aprendizagem ou questões do território que os instigam, em conexão com o currículo. Por meio dessa proposta de reorganização curricular, os estudantes encontram a possibilidade de cultivar o espírito investigativo e o engajamento crítico e autônomo que confere sentido ao seu percurso de aprendizagem.



educacaointegral.org.br/especiais/praticas-pedagogicas/praticas/trilhas/

Planeje

- Organize com a escola a estrutura necessária para facilitar o processo de investigação dos alunos no caminho de construção de suas trilhas. Viabilize o acesso, sempre que possível, a computadores conectados à internet para a realização de pesquisas, mapeamentos e sistematização das trilhas, assim como a materiais didáticos e de papelaria, a um telefone para estabelecer contato com instituições do entorno, agendamento de visitas ao território, entrevistas com agentes da comunidade ou da cidade etc.

Implemente

- Estabeleça com os alunos o tema investigativo do projeto, lembrando que os grupos são formados por afinidade de interesses (exemplo: alimentação escolar e vida saudável);
- Oriente os alunos sobre como fazer o mapeamento interno e externo da comunidade escolar, identificando os parceiros e lideranças locais, as características e atrativos da comunidade, os espaços, equipamentos públicos e outros potenciais "aliados da aprendizagem";
- Apoie os estudantes a elaborarem um plano de trabalho interdisciplinar que dialogue com os conteúdos curriculares e com o tema investigativo definido (exemplo, tomando como proposta o tema "alimentação escolar e vida saudável", os estudantes podem: buscar como parceiro um chef de cozinha de um restaurante local para recebê-los em seu estabelecimento, com o apoio dos merendeiros, decidirem fazer uma horta comunitária, e nas aulas de Língua Portuguesa e Ciências, elaborarem novas receitas saudáveis para a merenda).

Avalie

- Elabore instrumentos de monitoramento e avaliação que priorizem o processo investigativo dos estudantes, e não apenas o resultado obtido no fim da atividade (exemplos: caderno de anotações para cada grupo, com registros periódicos sobre acontecimentos significativos do cotidiano escolar, grupos de trabalho para síntese das atividades, apresentações dos projetos de pesquisa e intervenção, com a participação dos familiares e da comunidade);
- Pactue com os estudantes as competências e habilidades que serão avaliadas, correlacionadas ao currículo da rede e ao Projeto Político-Pedagógico (PPP) da escola.

Institucionalize

- Motive a escola a organizar programas de formação continuada dos educadores na perspectiva da Educação Integral;
- Proponha que a escola incorpore as trilhas como a metodologia regular do PPP da escola, e não apenas como uma atividade complementar ou extracurricular.

#ficaadica: Articule parcerias! A formação de uma rede de relações externas permite aos demais atores da comunidade realmente participarem do cotidiano escolar, sejam eles pessoas ou instituições.

EXPERIMENTAÇÃO

Incentivar, desafiar e propor que os estudantes construam seus conhecimentos e desenvolvam seu aprendizado a partir de experiências práticas. Essa é a tendência da aprendizagem mão na massa (educação *maker*) ou experimentação.

A partir de novas metodologias e ferramentas, o aluno assume o papel de protagonista da sua aprendizagem e elabora um produto ou projeto que faça sentido para a sua vida, ampliando as oportunidades de aprendizagem no fazer.

Nesse processo de criação, eles se envolvem com pesquisas, planejamentos, resolução de problemas e conflitos, aprendendo a trabalhar de forma independente e a assumir riscos que surgem no decorrer da tarefa, além de se depararem, na prática, com situações em que precisam trabalhar harmonicamente em grupo.

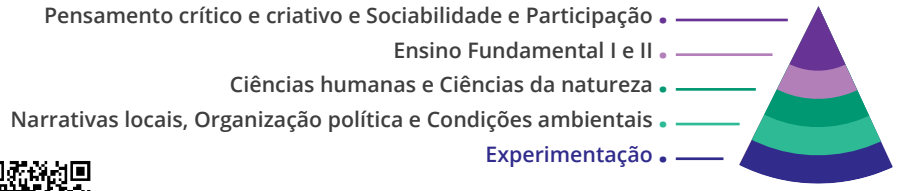
Assim, a experimentação privilegia a colaboração, a criatividade, a curiosidade e a atitude crítica e autônoma por parte dos estudantes, o que gera um forte engajamento.

As escolas podem promover oportunidades de experimentação a partir de atividades realizadas em laboratórios de fabricação digital, em que os estudantes utilizam ferramentas de prototipagem rápida como a impressora 3D e a cortadora de vinil para construir suas próprias invenções, possuem aulas de programação e robótica, participam da produção de veículos mídia, fazem projetos de intervenção na comunidade, entre outras atividades.

Seja qual for a prática pedagógica proposta, assumindo a sala de aula como um espaço *maker*, o professor atua como um facilitador e auxilia o aluno a se questionar sobre os próximos passos do projeto.

DÊ ASAS AO PROTAGONISMO INFANTOJUVENIL

O incentivo ao protagonismo infantojuvenil é uma prática pedagógica inspirada na metodologia de *Design for Change*, criada na Índia, que visa mobilizar os alunos a transformarem a sua própria realidade. Esta prática se baseia em quatro pilares que podem nortear o trabalho dos professores: 1- Sentir (praticar a escuta atenta e exercitar a empatia); 2- Imaginar (incentivar a criatividade dos estudantes para explorar múltiplos caminhos transformadores); 3- Fazer (mobilizar pessoas e fazê-las acreditarem nos sonhos dos alunos); e 4- Compartilhar (sensibilizar outras pessoas e transformar olhares sobre determinada realidade).



educacaointegral.org.br/especiais/praticas-pedagogicas/praticas/protagonismo-infantojuvenil/

Planeje

- Inicie o trabalho definindo uma região específica para a ação de transformação;
- Peça aos alunos que formem grupos de, aproximadamente, cinco integrantes. É possível, também, realizar projetos únicos com a turma;
- Oriente os estudantes a buscarem informações a respeito da região definida e a fazerem uma lista de temas que os afetam e que gostariam de mudar;
- Defina, junto aos alunos, os títulos dos projetos de transformação.

Implemente

- Explore, na etapa do "Sentir", os sentimentos dos alunos em relação à questão escolhida e ajude-os, inclusive, a nomear seus sentimentos;
- Ajude os estudantes a treinarem a escuta e exercite a sua própria;
- Oriente, na etapa do "Imaginar", que os alunos investiguem a situação que escolheram trabalhar, observando, pesquisando e entrevistando;
- Ajude os alunos a exercitarem a observação e compreenderem a questão a partir de diferentes pontos de vista;
- Apoie os alunos, na etapa do "Fazer", ajudando-os a concretizarem suas ideias e a perceberem que são capazes de produzir mudanças;
- Incentive-os a registrarem os trabalhos realizados por meio de fotos e vídeos;
- Celebre e divulgue os projetos para a escola, familiares e comunidade. Valorize o que foi feito e agradeça a todos que colaboraram. Essa é a etapa do "Compartilhar".

Avalie

- Realize uma roda de avaliação com os alunos, incentivando-os a refletir sobre o processo. Comece esta atividade com um momento individual, no qual cada um irá refletir sobre as questões e anotar suas respostas em um papel colorido. Algumas sugestões de perguntas norteadoras: "Do que mais gostaram? O que aprenderam? O que teriam feito de diferente? O que foi difícil?" Em seguida, peça para compartilharem com os colegas.

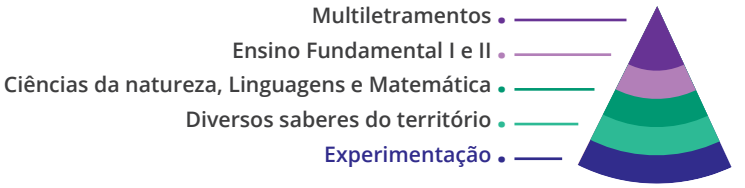
Institucionalize

- Incentive que essa prática faça parte do Projeto Político-Pedagógico da escola;
- Busque iniciativas que premiam projetos dessa natureza e encoraje os alunos a se inscreverem;
- Apresente a iniciativa, se possível, para a Secretaria de Educação da sua cidade ou estado, incentivando uma ação coletiva das escolas em cada território.

#ficaadica: É essencial que o professor atue como facilitador nesse processo. A resolução de questões do território, tendo o aluno como centro, é uma forma eficaz de fortalecer sua autoestima e a confiança de que é protagonista de mudanças necessárias em sua realidade.

CIRCUITOS CRIATIVOS

Os circuitos criativos são práticas de expressão pessoal que têm como objetivo transmitir de forma simples e direta os conteúdos introdutórios a respeito de circuitos elétricos. Utilizando materiais de baixo custo, as atividades promovem a experimentação "mão na massa" de conteúdos curriculares dos campos das Artes, Ciências e Tecnologias. A partir da pergunta "O que faz o seu olho brilhar?", os estudantes são envolvidos em uma prática lúdica e investigativa, por meio da qual desenhos, pinturas ou colagens são iluminados por minilâmpadas LEDs.



educacaointegral.org.br/especiais/praticas-pedagogicas/praticas/circuitos-criativos/

Planeje

- Implemente a prática para transmitir de forma simples e objetiva os conteúdos introdutórios a respeito de circuitos elétricos;
- Estime um período para que o processo todo aconteça, respeitando os tempos de cada aluno;
- Divida a turma em pequenos grupos;
- Conte, sempre que possível, com a colaboração de um educador assistente e/ou monitor (que podem ser estudantes de outra série, por exemplo);
- Separe com antecedência todo o material necessário, se possível organizando em kits individuais: mini LEDs, fitas condutivas e baterias de 3 volts, além de caixas, fitas adesivas, canetinhas, barbantes coloridos, palitos de madeira etc.;
- Prepare um modelo simples de circuito elétrico em papel que possa orientar os trabalhos.

Implemente

- Apresente a atividade para o grupo, destacando que a proposta será criar um circuito elétrico criativo, usando materiais diversos, tendo como tema disparador algo que te motive, que te inspire e que faça o seu olho brilhar;
- Organize uma explicação coletiva sobre cada etapa da montagem de um circuito elétrico, apresentando o modelo prévio. Conceitos específicos de Física, como condução elétrica e polaridade, podem ser discutidos nesse momento;
- Distribua os kits individuais com os materiais para que cada aluno possa criar o seu circuito;
- Explique aos educandos que a lâmpada é um suporte material que serve como metáfora do que faz os olhos deles brilharem. Exemplo: caso um aluno decida pelo tema sustentabilidade, ele pode criar uma maquete da praça em frente à escola, iluminando os pontos que devam chamar atenção, como coleta seletiva de lixo;
- Oriente os grupos ao longo da experimentação e esclareça possíveis dúvidas.

Avalie

- Verifique se ocorreu a compreensão dos conceitos que estão em pauta na construção do circuito;
- Realize anotações e observações em um caderno de registros ou diário de bordo.

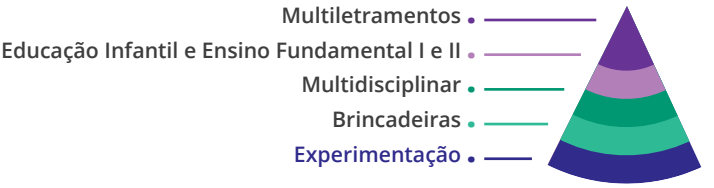
Institucionalize

- Convide os estudantes a compartilharem o que aprenderam com outro grupo, em uma dinâmica de monitoria entre pares;
- Promova práticas "mão na massa" a cada trimestre, por exemplo, articulando diferentes disciplinas e conteúdos programáticos;
- Valorize as criações dos estudantes divulgando no mural, blog ou jornal da escola.

#ficaadica: Esteja sempre preparado para criar espaços de diálogo, orientados por uma escuta sensível e empática. Acolha todas as insatisfações, frustrações e conquistas dos alunos.

CRIAÇÃO LIVRE

As práticas de criação livre são atividades que têm como objetivo o engajamento dos estudantes em explorações individuais e/ou coletivas, promovendo a experimentação "mão na massa" de conteúdos curriculares dos campos das Artes, Ciências e Tecnologias.
Os estudantes são envolvidos em uma prática livre, lúdica e investigativa que utiliza materiais de baixo custo. Essa experimentação está desvinculada de metas pragmáticas, permitindo que os alunos descubram seus próprios interesses, explorem e desfrutem livremente de suas habilidades.



Planeje

- Pense a atividade tendo como objetivo proporcionar momentos de experimentação livre e sem metas predefinidas;
- Liste algumas possibilidades de experimentação, como montagem de um circuito, uma maquete, um jogo ou outra proposta de criação, sempre explorando a interdisciplinaridade da prática;
- Separe com antecedência todo o material necessário, se possível organizando em kits individuais. Entre as sugestões estão minilâmpadas LEDs, fitas condutivas e baterias de 3 volts, que podem ser utilizadas para a criação de circuitos, assim como outros materiais que propiciam a experimentação, como papéis diversos, caixas, fitas adesivas, tesouras, canetinhas, barbantes, palitos de madeira, canudos, rolhas, botões etc.;
- Selecione previamente livros diversos de apoio sobre criações que podem ficar à disposição dos estudantes ao longo da experimentação para consulta.

Implemente

- Apresente os materiais "diferentes" do dia a dia (como LEDs, baterias e fita condutiva) e proponha que a criação tenha como tema inspirador, por exemplo, "O que te move?";
- Considere um momento inicial para o aquecimento. Para isso, leia algo breve e inspirador ou coloque uma música;
- Organize o ambiente em mesas coletivas ou rodas no chão e disponibilize os materiais por categorias. O objetivo é que os estudantes visualizem a oferta e possam, com autonomia, escolher com o que trabalhar;
- Faça uma rápida explicação sobre cada etapa da montagem definida pelo grupo (jogo, circuito etc.) e, em seguida, motive-os a produzirem.

Avalie

- Avalie o processo que foi vivenciado pelos estudantes, reduzindo o foco no produto/resultado. Motivação, concentração e perseverança são atitudes muito valorizadas nesta prática;
- Crie um espaço estimulante para a troca de experiências, perguntas, relatos e observações a respeito da criação livre. O educador pode coletar essas informações em conversas individuais, em pequenos grupos ou em uma roda com todos os estudantes.

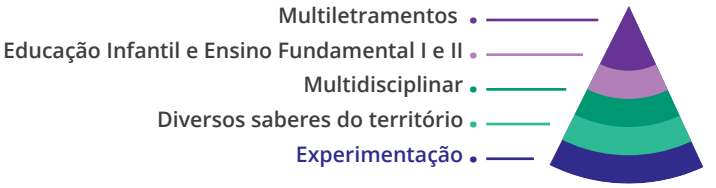
Institucionalize

- Promova diversos momentos de criação livre ao longo do ano;
- Motive a escola a organizar espaços permanentes, abertos e convidativos dedicados às criações (ateliê de artes ou um laboratório de ciências) ou mesmo uma estação disposta no pátio para estimular criações na hora do intervalo;
- Sensibilize a escola a criar um espaço para recolhimento de materiais recicláveis e reaproveitáveis, a fim de utilizá-los como recursos para atividades de criação livre;
- Incentive o compartilhamento das criações dos estudantes, valorizando seus projetos.

#ficaadica: Faça poucas perguntas ao longo da prática, respeitando a necessidade de concentração dos estudantes. Observe e escute bastante e intervenha somente quando for solicitado.

ESTÚDIO

As práticas de estúdio são atividades de experimentação "mão na massa" que estimulam a criatividade e as possibilidades de compartilhamento e trocas de ideias, viabilizando um processo educativo por meio de construções coletivas lideradas pelos estudantes. Trata-se de uma trajetória de trabalho lúdica e investigativa, em que os participantes refletem sobre as questões que os inspiram e/ou inquietam. Juntos, os estudantes criam projetos de intervenção significativos para todo o grupo e são mobilizados por um propósito comum, refletindo sobre suas comunidades e cultivando hábitos autossustentáveis.



Planeje

- Prepare as atividades de estúdio quando tiver o objetivo de fazer com que os estudantes reflitam sobre soluções para um problema real, prototipando a construção de algo que possa contribuir para resolver uma necessidade/interesse coletivo;
- Considere que a experimentação contará com alguns encontros. Cada atividade poderá ter períodos diferentes, e utilizar estratégias e materiais distintos;
- Estabeleça canais de diálogo com os estudantes, refletindo a respeito de ideias sobre como resolver o problema/questão motivadora.

Implemente

- Estimule o grupo a refletir sobre a necessidade real que motivará a realização do projeto. A questão pode ser um tema relevante para a escola ou para a comunidade. Lembre-os, porém, de que eles terão de prototipar e criar um produto/ação;
- Envolva o grupo, inicialmente, na investigação e na exploração da questão apresentada. Para isso, crie atividades práticas, como entrevistas, aplicação de questionários pelos alunos e demais estratégias para a coleta de informações;
- Realize, em seguida, um momento de troca de ideias com a mão na massa. Nesta etapa, os estudantes criam esboços para além do papel e da caneta, acrescentando diferentes dimensões ao estudo inicial. Para isso, vale fazer uso de materiais diversos, como blocos de montar, arames, tecidos, circuitos em papel (com mini LEDs, baterias e fita adesiva) para materializar a etapa de definição do tema a ser explorado;
- Auxilie o grupo a eleger uma proposta e desenvolver o protótipo com precisão;
- Planeje a etapa de construção definitiva do projeto e implementação, em que o grupo pensa estrategicamente no tempo e no espaço necessários, nos materiais e em como consegui-los. Exemplo: o grupo concluiu que o laboratório de Ciências precisa de novos equipamentos. Feitas as pesquisas em campo e discussões em grupo, decide-se trabalhar na criação de um microscópio novo. Protótipo feito, coleta-se materiais: lentes, pedaços de madeira e plástico, necessários à confecção do aparelho;
- Organize um momento para a finalização do projeto, como uma espécie de inauguração, convidando a comunidade para participar.

Avalie

- Reflitam sobre as possibilidades e os limites da aplicação dos materiais que exploraram e os aprendizados adquiridos;
- Realizem uma pesquisa junto à comunidade escolar para verificar a avaliação final que ela faz sobre o produto elaborado.

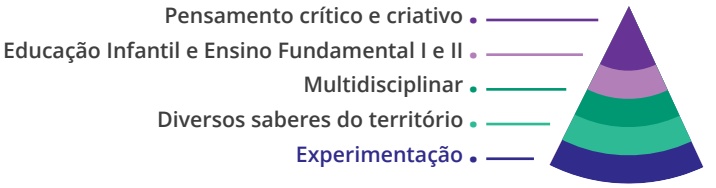
Institucionalize

- Incentive o compartilhamento das criações dos estudantes, valorizando seus projetos. Pode ser por meio de exposições, um mural na escola, a publicação das criações em um blog ou jornal escolar.

#ficaadica: É importante que, ao longo do processo, o professor observe o engajamento dos estudantes, motivando-os a trabalharem, a partir de suas habilidades, de forma colaborativa e corresponsável.

PESQUISA CRIATIVA

Na prática de pesquisa criativa, os estudantes exploram diferentes materiais, investigam suas propriedades, levantam hipóteses e fazem descobertas a partir da própria experimentação "mão na massa". Nas atividades, o que está em foco é o processo de aprendizagem, e não, necessariamente, a construção de um produto final. A partir da escolha de um tema disparador, os estudantes são envolvidos em um projeto lúdico e investigativo, articulando de forma interdisciplinar os conteúdos curriculares dos campos das Artes, Ciências e Tecnologias.



educacaointegral.org.br/especiais/praticas-pedagogicas/praticas/pesquisa-criativa/

Planeje

- Divida os estudantes em grupos, pois em propostas de experimentação com pesquisa, é importante que o educador possa auxiliar de perto as produções;
- Organize com antecedência o material necessário. Você pode incluir nos kits minilâmpadas LEDs, fitas condutivas e baterias de 3 volts (para a criação de circuitos), folhas secas, tecidos, massa de modelar, fitas coloridas, entre outros. A variedade de materiais permite uma experimentação mais lúdica e criativa;
- Considere que nesta prática é pertinente apresentar ao grupo um desafio simples, que funcione como fio condutor para a experimentação de cada estudante. Exemplos: Como acender o LED? Como acender dois LEDS em pontos diferentes do papel com uma única bateria?
- Instigue os alunos a investigarem e estabelecerem analogias entre os materiais disponíveis e as fontes de energia, materiais condutivos e equipamentos elétricos da cidade, da rua, da casa e da escola;
- Selecione, previamente, livros e materiais diversos sobre eletricidade, fontes de energia, circuitos elétricos e temas afins que possam ficar à disposição dos estudantes ao longo da experimentação.

Implemente

- Inicie a atividade com a leitura de um texto estimulante, que será o disparador das reflexões do grupo;
- Distribua os kits individuais com os materiais para experimentação, permitindo que os estudantes os explorem livremente, cada um ao seu tempo;
- Crie um momento para a pesquisa e investigação (livros, internet etc.). A partir daí, os alunos poderão elaborar seus projetos individuais e/ou coletivos;
- Trabalhe com as múltiplas propostas de experimentação, como a criação de circuitos em papel, origami com LEDs, maquetes iluminadas, massinha de modelar condutiva com LEDs, entre outras.

Avalie

- Verifique se ocorreu a compreensão dos conceitos que estão em pauta na construção dos produtos;
- Crie um espaço estimulante para a troca de experiências, relatos e observações a respeito da prática.

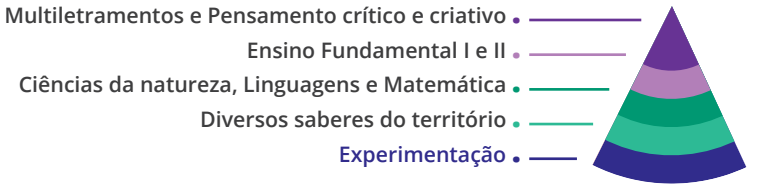
Institucionalize

- Incentive a criação, na escola, de espaços permanentes, abertos e convidativos dedicados à experimentação. Envolva nesses espaços *maker* os diversos atores da comunidade escolar, como professores, vizinhos, funcionários e familiares.

#ficaadica: Motive os estudantes a compartilharem o que aprenderam na experimentação com os colegas da escola, por meio de atividades de monitoria entre pares.

FAB LAB

Os fab labs são laboratórios de criatividade que fomentam o espírito de inovação, oferecendo acesso às tecnologias de fabricação digital, eletrônica, técnicas tradicionais (marcenaria, elétrica e eletrônica), além de práticas artísticas. São espaços para criar, testar, errar, aperfeiçoar e desenvolver projetos de experimentação. Por meio de dinâmicas colaborativas de criação e compartilhamento do conhecimento, os fab labs permitem aos educadores e educandos ressignificarem seus processos de aprendizagem, por meio de projetos individuais e/ou coletivos.



educacaointegral.org.br/especiais/praticas-pedagogicas/praticas/fab-lab/

Planeje

- Aprenda a utilizar alguns softwares livres (exemplos: InkScape, FreeCad, Blender, Repertier Host, Scratch, Arduino). Para isso, verifique se há formações direcionadas aos professores sobre o tema, em sua cidade, ou busque videoaulas na internet;
- Visite o fab lab - ou equipamento semelhante - de seu município e participe dos cursos que forem oferecidos para aproveitar os recursos desse espaço;
- Planeje, no trabalho com os estudantes, pequenos cursos envolvendo disciplinas básicas de desenho, modelagem, programação, eletrônica e marcenaria, buscando uma ação interdisciplinar e conexão com os conteúdos curriculares.

Implemente

- Organize, em diálogo com a gestão escolar, sessões com os estudantes no espaço e desenvolva periodicamente as oficinas de experimentação *maker*, utilizando o espaço do fab lab para trabalhar competências e habilidades que nem sempre podem ser vivenciadas em sala de aula. Exemplo: o desenvolvimento, prototipagem, teste e criação de um novo microscópio para a escola, reaproveitando materiais e utilizando equipamentos digitais do laboratório;
- Inicie as atividades apresentando os principais conceitos que envolvem a prática e promova um momento de reflexão junto ao grupo: quais são as oportunidades de trabalho, dificuldades e desafios para a execução do projeto?
- Realize, em seguida, uma dinâmica de experimentação orientada, na qual os alunos fiquem livres para trabalharem em seus projetos. Oriente-os mostrando os recursos da ferramenta do software e os maquinários disponíveis. A ideia é potencializar processos criativos, a resolução de um problema ou o aperfeiçoamento de um processo já em andamento;
- Inclua materiais que propiciam construções “mão na massa” e que podem incrementar as criações, como caixas, fitas adesivas coloridas, tesouras, barbantes coloridos, palitos de madeira, canudos, rolhas, botões etc.;
- Fortaleça a prática de experimentação tentativa/erro, a conexão entre projetos e habilidades e o constante compartilhamento de aprendizagens e resultados.

Avalie

- Avalie quais foram os desdobramentos nas oficinas do fab lab, como capacidade de operação da ferramenta, criação e produção;
- Fortaleça espaços de diálogo, onde os estudantes possam compartilhar o que aprenderam na experimentação.

Institucionalize

- Inclua, ao longo do ano, vários momentos para que os estudantes possam colocar a mão na massa em projetos utilizando o espaço do fab lab;
- Fortaleça a cultura de experimentação, na escola, a fim de que todos entendam, disseminem e se apropriem do conceito *maker*.

#ficaadica: Aproveite a estrutura tecnológica já existente, como o fab lab, e construa um espaço de criação digital que valorize a vocação do território.

LETRAMENTO E CULTURA DIGITAL

Com a ampliação das novas tecnologias da informação e comunicação (TICs) novas relações, capacidades e habilidades são colocadas diante da sociedade e, a educação, cada vez mais, precisa estar atenta à esta nova dinâmica. Hoje, a capacidade de usar as ferramentas e de interagir, no ambiente digital, permite ao indivíduo conectar-se ao mundo.

Por meio do computador, tablets e celulares, as crianças, adolescentes e jovens praticam a leitura e a escrita, se comunicam e interagem, tornam-se agentes da informação. Ou seja, mais do que apenas saber utilizar os recursos tecnológicos, é preciso que todos desenvolvam habilidades para construir sentido a partir de tudo o que circula no meio digital, incluindo, também, a capacidade para localizar, filtrar e avaliar criticamente informações disponibilizadas.

Atualmente, os educadores podem lançar mão de muitas práticas do campo da cultura digital que facilitam o processo de aprendizagem e tornam o aprendizado mais atrativo e significativo para os estudantes, tendo em vista que essa nova geração está imersa num mundo digital.

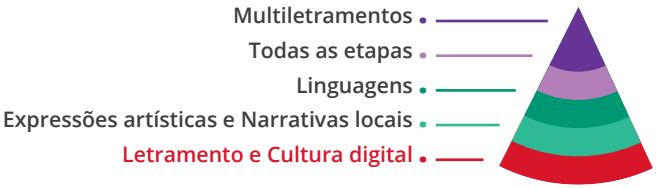
Podem ser acessadas, por exemplo, plataformas adaptativas que propõem atividades diferentes para cada aluno, sob medida, a partir de suas respostas e reações às tarefas; assim como jogos, animações e simuladores; passando por construções ligadas à robótica; além da elaboração de aplicativos e produtos de comunicação.

Na perspectiva da Educação Integral, trata-se, portanto, de um convite à criação de estratégias que assegurem aos estudantes o domínio de diferentes linguagens, o acesso aos veículos de comunicação, à prática da leitura e à crítica e, principalmente, à produção de comunicação como instrumento de participação democrática. Trata-se de uma nova relação entre educação, educandos e comunicação.

A escola ganha, assim, a possibilidade de converter-se em um espaço privilegiado para garantir às novas gerações os conhecimentos e as habilidades indispensáveis para que se comuniquem com a autonomia e autenticidade.

CINECLUBES EDUCATIVOS

A realização de cineclubes educativos permite ao professor discutir e articular temas de suas disciplinas, relacionando-os ao universo dos próprios estudantes, tanto por meio da leitura crítica dos filmes como pela possibilidade de apoiar a autonomia e o protagonismo dos alunos. A proposta de promoção de cineclubes possibilita aos participantes dialogar sobre os filmes assistidos de uma maneira agradável e aprofundar as questões levantadas nas películas, de forma colaborativa, configurando uma ponte entre os conteúdos didáticos e o material audiovisual.



educacaointegral.org.br/especiais/praticas-pedagogicas/praticas/cineclubes/

Planeje

- Realize uma pesquisa com os alunos para conhecer seus interesses e conhecimentos sobre cinema;
- Busque estabelecer uma periodicidade para o cineclube que seja viável, conforme as possibilidades e realidades da escola;
- Defina se os cineclubes serão temáticos ou opte pelo formato que faça mais sentido em sua escola ou aula;
- Articule a iniciativa com os demais educadores, contando com o apoio da gestão, para que seja uma prática interdisciplinar. Lembre-se de que o cineclube pode ser organizado com a participação de apenas um grupo de alunos, mas sua abordagem é mais eficaz quando envolve toda a comunidade.

Implemente

- Selecione o(s) filme(s) a ser(em) exibido(s), buscando priorizar produções recentes e com uma duração que esteja de acordo com a programação do cineclube. Podem ser curtas, longas-metragens, documentários e/ou ficção de gêneros diversos;
- Entre em contato com os diretores ou com a distribuidora do(s) filme(s), para convidá-los a participarem da sessão e pedir autorização para a exibição da obra. Você pode também acessar plataformas educativas que disponibilizam as obras *online*;
- Articule o recebimento da mídia do filme para ser testada antes da exibição oficial ou faça o teste na escola caso escolha por uma plataforma de *streaming*;
- Defina com os estudantes quem serão os convidados para o cineclube;
- Combine com os alunos as tarefas a serem executadas no dia e divida as responsabilidades: recepção dos convidados, organização da sala de exibição, etc.;
- Envie o convite com a programação do cineclube para a lista de convidados;
- Exiba o(s) filme(s) e, logo após, promova um diálogo com o objetivo de construir uma leitura crítica a respeito do que foi assistido;
- Registre o evento por meio de fotografias e pequenos vídeos, podendo, inclusive, conter depoimentos.

Avalie

- Avalie a participação dos alunos, levando em conta suas habilidades e comprometimento com as tarefas predefinidas da prática;
- Crie um breve formulário de avaliação para ser entregue aos participantes do cineclube no fim do evento, ou envie-o por e-mail, a partir de uma lista de presença.

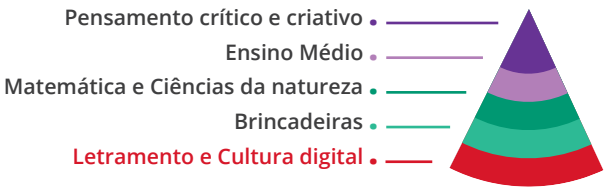
Institucionalize

- Realize parcerias que fortaleçam o cineclube, como, por exemplo, com organizações cineclubistas do território;
- Publique fotos e vídeos após o evento para disseminar a prática entre os interessados.

#ficaadica: Valorizar o cinema brasileiro pode ser um importante enfoque para esta prática, como forma de aplicar a Lei Federal 13.006/14, que determina a exibição de filmes nacionais nas escolas do país.

CONSTRUÇÃO DE GAMES COM ARDUINO

A prática aproxima os estudantes de dinâmicas e recursos associados ao conhecimento de Matemática, Física e Lógica, por meio da experimentação na construção, implementação do código fonte e etapa de teste do jogo *Stop It!*, em plataforma Arduino. Trata-se de uma placa eletrônica de hardware livre, baseada em microcontroladores, criada para facilitar a prototipação e construção de objetos interativos que possam utilizar e controlar o meio físico por meio do mundo digital. Por meio desta atividade, é possível ilustrar para os alunos conceitos como funções, equações, controle de tempo e energia elétrica.



Planeje

- Adquira, com o apoio da escola, em uma loja de eletrônicos, os equipamentos necessários para a construção física do jogo: um arduino, uma placa de prototipação, um botão, cinco lâmpadas LEDs - uma de cor diferente e quatro de cores iguais, seis resistores de 300 Ohm e 16 fios Jumpers;
- Acesse o código-fonte do jogo (*https://github.com/antoanne/ArduinoGameStop*), que diz respeito à parte lógica da experimentação. Ele é o texto programado em linguagem de programação específica para Arduino, que controla a dinâmica do jogo;
- Faça o *download* do *software* Arduino em *https://www.arduino.cc/en/Main/Software* e instale no computador. Ele é necessário para instalar o código-fonte na placa Arduino.

Implemente

- Explique aos estudantes a proposta do jogo *Stop It!:* são pequenas lâmpadas LEDs enfileiradas, que ficam acendendo e apagando em sequência. Uma dessas lâmpadas possui cor diferente. O objetivo do jogador é apertar o botão no momento em que a luz da lâmpada diferente acender. A cada acerto, a velocidade aumenta, tornando o jogo cada vez mais desafiador;
- Destine duas aulas práticas para a construção física, a implementação do código-fonte e teste do jogo. Para isso, divida os estudantes em três subgrupos, para que cada equipe execute uma etapa da construção do jogo;
- Siga o passo a passo para a construção: 1) Conecte as lâmpadas LEDs na placa de prototipação. 2) Conecte cada um dos LEDs aos seus respectivos resistores, no polo positivo (+); 3) Conecte cada um dos polos negativos (-) ao aterramento da corrente elétrica (GND) da placa de prototipação; 4) Conecte, nas portas 9, 10, 11, 12 e 13 digitais, os polos positivos de cada LED, passando pelos resistores; 5) Conecte o botão na placa de prototipação, de forma que ele alcance os dois lados da placa; 6) Conecte um dos pinos do botão no polo positivo (+) da placa de prototipação; 7) Conecte outro pino do botão na porta 2 digital. Esse mesmo pino deve ser conectado ao GND da placa, com a finalidade de fazer o aterramento; 8) Conecte os pinos GND e 5V na placa de prototipação, respectivamente nos polos negativo (-) e positivo (+); 9) Conecte a placa Arduino a um computador via USB. Por meio do software instalado anteriormente no computador, grave, na placa, o código-fonte;
- Realize a etapa teste, promovendo a disputa do jogo entre as equipes de estudantes.

Avalie

- Verifique o desempenho dos alunos no processo de construção do objeto, tendo como critérios a desenvoltura no trabalho em equipe e sua capacidade de resolução de problemas.

Institucionalize

- Promova atividades periódicas para montagem do objeto, assim como momentos lúdicos para os estudantes jogarem o jogo.

#ficaadica: Organizem, na escola, outras experimentações que permitam aos estudantes construírem novos jogos utilizando a plataforma.

CRIAÇÃO DE APLICATIVOS PARA CELULAR

A criação de um aplicativo gratuito com a participação dos estudantes é uma oportunidade para incentivar o protagonismo dos alunos e usar as Tecnologias da Informação e da Comunicação (TIC), a fim de favorecer o processo de ensino-aprendizagem. Nessa prática pedagógica, o educador é mediador de um percurso educativo que valoriza a tecnologia digital e a utiliza em prol dos conteúdos a serem trabalhados junto aos seus alunos. O canal de comunicação fortalece a relação aluno-professor e também incentiva o estabelecimento do contato direto com a comunidade interessada em acompanhar o que acontece na escola.

Multiletramentos
Ensino Fundamental I e II, Ensino Médio e EJA
Linguagens
Organização política, Narrativas locais e Mundo do trabalho
Letramento e Cultura digital



educacaointegral.org.br/especiais/praticas-pedagogicas/praticas/aplicativos/

Planeje

- Organize, junto aos alunos, uma pesquisa na comunidade escolar para saber sobre seus interesses em usar aplicativos para celular;
- Descubram quais conteúdos esse público mais acessa e tomem isso como ponto de partida para iniciar a criação do novo *app*;
- Busquem ferramentas gratuitas e livres para a criação do aplicativo, como o site "Fábrica de Aplicativos" (*www.fabricadeaplicativos.com.br).*

Implemente

- Façam o cadastro na ferramenta escolhida para criar o aplicativo;
- Definam quais serão os conteúdos que serão disponibilizados no *app* da turma (exemplos: notícias, fotos ou vídeos sobre os temas discutidos em aula, dicas e tutoriais para aprofundar os conteúdos etc.);
- Editem o aplicativo de acordo com as opções escolhidas de design, conteúdo e perfil;
- Escolham cores e imagens que irão compor o *layout* do aplicativo;
- Criem um nome para o *app* e façam uma breve descrição dos objetivos desse recurso;
- Salvem o aplicativo para finalizar o projeto;
- Divulguem o *app* e compartilhem as novidades nas redes sociais da escola ou do projeto.

Avalie

- Acompanhem as estatísticas disponíveis na plataforma de criação de aplicativos, para saber o número de acessos e de *downloads* da ferramenta por semana, mês e/ou ano;
- Avalie a participação dos alunos, levando em conta suas habilidades e comprometimento com as tarefas predefinidas da prática. Considere também o desempenho dos alunos por meio das postagens que realizarem no próprio aplicativo;
- Crie uma aba, que pode ser chamada de Mural de Recados, onde as pessoas possam dar sugestões, fazer críticas e elogios à proposta.

Institucionalize

- Incentive a participação da comunidade nesta prática, uma vez que os aplicativos podem ser utilizados por qualquer pessoa, de forma livre e gratuita;
- Inscreva a prática em premiações e congressos sobre o tema, dando maior visibilidade a essa tecnologia.

#ficaadica: Criatividade, trabalho em equipe, protagonismo, cooperação e escuta ativa são centrais para garantir o melhor aproveitamento do aplicativo, buscando sempre corresponder aos interesses e necessidades do(s) público(s) ao(s) qual(is) ele é dirigido.

CRIAÇÃO DO PRIMEIRO LIVRO

A prática visa incentivar que os estudantes criem seus primeiros livros, desde a concepção da ideia, seleção do gênero literário, criação dos personagens, seguindo até a prototipagem da capa, diagramação e publicação da obra. A ideia é desenvolver e incentivar, junto aos alunos, um processo intenso de autodescoberta, de leitura de mundo e de narração da sua própria história. O processo de criação da obra valoriza a liberdade de expressão e a autonomia dos estudantes.

Multiletramentos, Pensamento crítico e criativo e
Autoconhecimento e Projeto de vida
Todas as etapas
Ciências humanas e Linguagens
Expressões artísticas, Narrativas locais e Línguas faladas
Letramento e Cultura digital



educacaointegral.org.br/especiais/praticas-pedagogicas/praticas/primeiro-livro/

Planeje

- Apresente a ideia da prática para a comunidade escolar, identificando quem poderá contribuir com a leitura e análise dos textos produzidos pelos alunos. Podem também participar educadores voluntários, universitários, oficineiros, familiares, outros agentes da comunidade etc.;
- Nomeie os mentores que serão responsáveis por auxiliar os estudantes virtualmente;
- Crie uma "pasta didática" utilizando plataformas gratuitas, como o Google Drive, por exemplo, em que todos os envolvidos possam ter acesso;
- Defina o calendário e cronograma das atividades de orientação: dias da semana, número de horas, profissionais envolvidos etc.

Implemente

- Apresente a ideia da criação do livro aos alunos, ressaltando como se dá o processo de construção de personagens, estilos e gêneros literários;
- Promova atividades práticas de escrita e leitura junto aos estudantes;
- Crie um espaço para diálogo para que os estudantes possam esclarecer dúvidas sobre as atividades e, cada um ao seu tempo, definir o tema e estilo de sua obra;
- Oriente o grupo de mentores para que realizem a leitura dos textos e contribuam com ideias e sugestões. Porém eles não devem fazer ajustes. Apenas os estudantes podem editar seus textos;
- Estruture atividades práticas de ilustração e diagramação. Conte com o apoio de professores de Educação Artística e/ou de um designer que possa atuar em parceria com a escola. Muitas vezes, estudantes que têm essa habilidade podem ajudar os outros;
- Imprima cópias do livro de cada aluno e organize, no fim da prática, uma noite de autógrafos. Mobilize toda a comunidade escolar e familiares para participar.

Avalie

- Acompanhe, ao longo do processo, a evolução da narrativa e faça a coleta das informações, organizando-as em categorias de análise e interpretação de dados: pontuação, ortografia, concordância, índice de autonomia do estudante etc. Esse estudo e a análise sistemática possibilitam identificar quais as dificuldades recorrentes da turma e questões específicas de cada estudante;
- Realize encontros periódicos com os mentores para compartilhar as impressões sobre a prática, evolução do grupo, desafios e aprendizados.

Institucionalize

- Incentive que a prática seja incorporada como proposta curricular interdisciplinar e não como uma atividade complementar;
- Estabeleça uma campanha permanente de captação de recursos, contando com parceiros que viabilizem a publicação dos livros.

#ficaadica: Mantenha sempre os princípios originais relacionados à prática do projeto: liberdade de expressão e autonomia dos estudantes.

GAMIFICAÇÃO DA AULA

A prática faz uso de games para tornar o aprendizado do conteúdo curricular mais instigante e concreto para os estudantes. Depois das discussões em sala de aula, os estudantes são convidados a elaborarem, virtualmente, cenários, objetos e situações que reflitam e complementem os aprendizados debatidos com o professor. Em grupos, os educandos desenham suas ideias no papel e, posteriormente, constroem os projetos jogando um jogo como o Minecraft, por exemplo. A prática desenvolve o protagonismo e a criatividade dos estudantes, assim como o trabalho em equipe.

Multiletramentos, Pensamento crítico e criativo e Sociabilidade e Participação
Ensino Fundamental II e Ensino Médio
Ciências humanas
Diversos saberes do território
Letramento e Cultura digital



educacaointegral.org.br/especiais/praticas-pedagogicas/praticas/gamificacao/

Planeje

- Reúna os equipamentos necessários para a realização da prática: computadores desktops ou notebooks, tablets ou celulares. Se possível, um console do X-Box 360, quatro controles e um monitor LED no qual será conectado o *videogame*;
- Faça o *download* do jogo Minecraft (*minecraft.net/pt-br/*), por exemplo, e instale-o na plataforma digital em que será jogado. Esse jogo permite a construção de cenários e objetos utilizando blocos. Ele é recomendado para atividades de História ou Geografia;
- Construa uma tabela na lousa, em conjunto com os estudantes, para classificar o nível de entrosamento de cada aluno com o jogo;
- Divida os educandos em quatro grupos heterogêneos, considerando a capacidade de interação com o jogo e o nível de conhecimento do conteúdo estudado em sala;
- Organize os estudantes - no caso do jogo Minecraft -, em quatro funções: líder, projetista, mídia e construtor. Estas funções são rotativas e podem ser trocadas a cada duas semanas. Conteúdos como Roma, *Brasil Colonial*, *Industrialização e II Guerra Mundial* são exemplos para utilização do Minecraft.

Implemente

- Explique aos estudantes as funções no grupo: o líder é responsável pelo diálogo entre o professor e o grupo, o projetista desenha no papel as ideias de construção em blocos, o mídia registra e reporta, em texto, foto ou vídeo, toda a atividade, e o construtor executa, no Minecraft, o projeto esboçado;
- Explique aos educandos as etapas da atividade: 1ª) Esboço da ideia do projeto no papel, com justificativa; 2ª) Construção do projeto em blocos no Minecraft, seguido de explicação; 3ª) Registro do processo em texto, áudio ou vídeo;
- Repasse, na aula prática, a tarefa que deverá ser projetada e construída por meio de blocos no Minecraft. Exemplo: se estiver estudando Roma, a tarefa pode ser a edificação de um templo romano. Caso o tema seja Brasil Colonial, proponha a construção de um engenho de cana-de-açúcar;
- Acompanhe e auxilie a execução da tarefa pelos grupos em cada etapa.

Avalie

- Analise os esboços desenhados pelos grupos e os projetos construídos no jogo, considerando a capacidade de implementação das ideias do grupo, o diálogo com o assunto estudado e a execução do trabalho colaborativo;
- Converse com os mídias de cada grupo para acessar as opiniões dos estudantes em relação à tarefa e colher sugestões de atividades.

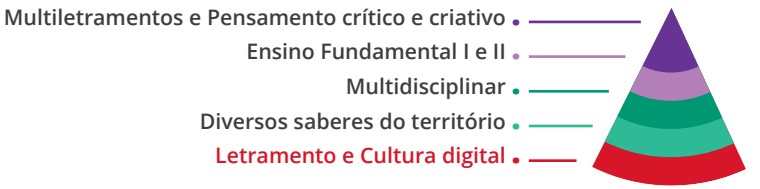
Institucionalize

- Realize exposições das construções feitas pelos alunos;
- Divulgue, em plataforma digital como blogs ou redes sociais, os registros em texto, áudio e vídeo feitos pelos alunos.

#ficaadica: Conte com o apoio da gestão da escola para garantir a aquisição dos equipamentos necessários para a prática.

LINGUAGEM DE PROGRAMAÇÃO NO ENSINO

A prática pedagógica tem como base o conceito de "aprendizagem criativa", que visa fazer uso de ferramentas para engajar alunos em atividades relacionadas à robótica, à linguagem de programação e a construções com ferramentas de Lego. A principal plataforma para o ensino de linguagem de programação para crianças chama-se Scratch. Por não exigir conhecimento prévio, o Scratch é ideal para o trabalho colaborativo com os alunos, pois apresenta conceitos matemáticos e computacionais de forma simples. Trata-se de um software que se utiliza de blocos lógicos e itens de som e imagem, que permitem o desenvolvimento de histórias interativas, jogos e animações.



educacaointegral.org.br/especiais/praticas-pedagogicas/praticas/programacao/

Planeje

- Pesquise os conceitos e trabalhos relacionados, como aprendizagem criativa e linguagem de programação para estudantes. O MIT Media Lab (laboratório que utiliza o conceito) e a plataforma Scratch (*scratchbrasil.net.br/*) são boas fontes;
- Busque parceiros que já trabalham com essa temática, assim como, se possível, oficinas experimentais sobre o tema para te apoiar;
- Familiarize-se com o programa Scratch. Desenvolva alguns projetos-piloto antes de levar a prática para os alunos;
- Escolha uma turma para iniciar o trabalho. Esta prática pode ser realizada com alunos a partir de oito anos.

Implemente

- Organize uma ida ao laboratório de informática da escola para que os estudantes possam pesquisar o Scratch e suas possibilidades, de forma livre, elencando dúvidas para uma discussão coletiva;
- Explore o conteúdo do programa a partir das dúvidas e apresente as diferentes possibilidades de projetos, tais como: criação de histórias animadas, jogos e outros programas interativos;
- Utilize uma aula para a criação de um projeto coletivo, no qual os alunos podem se familiarizar com o programa e suas funcionalidades;
- Peça aos alunos que se dividam em grupos de aproximadamente seis componentes e oriente-os a definirem um projeto a ser criado, utilizando a linguagem de programação. Exemplo: convide os estudantes a elaborarem desenhos sobre o território. Em seguida, escaneie toda a produção. Por meio do Scratch, peça que as crianças se tornem personagens da história e comecem a explorar a ferramenta. Faça a gravação do áudio das falas das crianças, contando uma história. Incorpore no desenho as imagens e os sons;
- Acompanhe a evolução dos projetos e peça aos alunos que tracem paralelos dos projetos desenvolvidos com questões do seu cotidiano.

Avalie

- Promova rodas de conversa com os alunos ao longo do projeto com o objetivo de avaliar sua evolução em relação à capacidade de abstração e implementação do jogo, assim como o engajamento e a participação ativa na prática;
- Organize bancas de apresentação dos projetos na escola.

Institucionalize

- Organize uma feira de projetos para que os alunos possam apresentar os resultados das suas experimentações e convide a comunidade para participar;
- Incentive os alunos a inscreverem os projetos em feiras de Ciências e Tecnologia.

#ficaadica: Inserir práticas utilizando a linguagem de programação permite desenvolver, nos alunos, a capacidade de abstração, assim como enriquece o pensamento criativo e o trabalho colaborativo. A dica mais importante é combinar a teoria com a prática, privilegiando sempre a experimentação.

PRODUÇÃO AUDIOVISUAL EDUCOMUNICATIVA

A produção audiovisual na escola pode ser realizada com base nos princípios da educomunicação, ou seja, práticas que valorizam o protagonismo infantojuvenil e a liberdade de expressão, garantindo um currículo mais significativo. A prática tem como foco a produção de vídeos, criados e compartilhados em ambientes educativos, com base nas ideias dos estudantes. O foco está na realização de produções com tecnologias acessíveis, de forma colaborativa, a fim de que os participantes não aprendam apenas a técnica, mas também valores e conhecimentos para exercitarem a linguagem audiovisual em diferentes situações, em uma prática cidadã e transformadora.

Multiletramentos, Pensamento crítico e criativo
e Sociabilidade e Participação
Ensino Fundamental II, Ensino Médio e EJA
Multidisciplinar, com potencial para Linguagens
Diversos saberes do território
Letramento e Cultura digital



educacaointegral.org.br/especiais/praticas-pedagogicas/praticas/producao-audiovisual/

Planeje

- Identifique quais são os repertórios já trazidos pelos participantes e os interesses do grupo em relação à produção audiovisual;
- Selecione algumas produções audiovisuais para servirem de referências à turma.

Implemente

- Dialogue com os estudantes sobre qual será o tema da produção audiovisual e o defina a partir de pesquisas com a turma. Exemplos: uma questão latente no bairro (lixo), um assunto da roda de conversas dos jovens (*bullying*), um projeto da escola etc. É interessante que o assunto tenha relação com o que está sendo discutido pela escola no período letivo, estabelecendo conexão com o currículo, ou com questões em pauta na sociedade, a fim de qualificar a leitura crítica do audiovisual;
- Definam, coletivamente, qual será o público-alvo, a linguagem e a duração do vídeo – pode ser um documentário, telejornal ou vídeo de um minuto, por exemplo;
- Distribua as funções entre a turma, elencando quais serão as tarefas de cada integrante, sendo elas: operador(es) de câmera/celular, auxiliar(es) de produção, redator(es) de texto, editor(es) de vídeo e protagonista(s) do vídeo;
- Oriente os alunos a criarem um breve roteiro, contendo as definições de câmera e o texto que será falado, bem como outros detalhamentos necessários;
- Solicite ao grupo que gravem o vídeo, lembrando-se de apoiar a câmera/celular e evitar ambientes barulhentos;
- Baixem o material gravado em um computador e editem utilizando *softwares* gratuitos disponíveis;
- Disponibilizem a produção em um site de compartilhamento de vídeos.

Avalie

- Promova a avaliação contínua do processo, utilizando enquetes, rodas de conversa e dinâmicas que incentivem os participantes a discutirem o que já foi feito e o que está previsto.

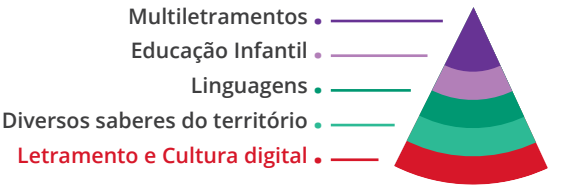
Institucionalize

- Compartilhe a produção realizada pelo grupo, organizando mostras audiovisuais na escola e na comunidade, por exemplo;
- Incentive os estudantes a inscreverem as produções em premiações e concursos da área;
- Motive a escola a inserir essa prática como proposta transversal a qualquer disciplina, tendo em vista seu caráter interdisciplinar, além de engajadora dos estudantes no seu processo de ensino-aprendizagem.

#ficaadica: Um dos recursos da produção audiovisual é se utilizar da narração, ou seja, a capacidade de contar uma história. Nesse sentido, pode-se fazer uso da teatralidade, reforçada pela edição e pela trilha sonora, bem como da emotividade, para aguçar a sensibilidade de quem irá assistir ao vídeo depois.

PROGRAMA DE RÁDIO INFANTIL

Unir a comunicação e a educação, além de facilitar o aprendizado e colocar em pauta diferentes assuntos e conhecimentos, potencializa a transformação dos alunos em cidadãos conscientes e críticos, legitimando suas vozes dentro e fora dos espaços educativos. Assim, a produção de programas de rádio é uma oportunidade de envolver as crianças em práticas que ressignifiquem a oralidade e a leitura de mundo, colaborando para o seu letramento digital, além de contribuir para o desenvolvimento da expressão comunicativa e do protagonismo infantil.



educacaointegral.org.br/especiais/praticas-pedagogicas/praticas/radio-infantil/

Planeje

- Realize uma pesquisa com as crianças para levantar o que já conhecem sobre os programas de rádio. Reconheça seus interesses prévios sobre esta mídia;
- Estabeleça uma periodicidade para a veiculação dos programas de rádio produzidos, lembrando que é essencial que seja uma programação viável, conforme as possibilidades da escola;
- Defina o formato que fizer mais sentido na sua escola (gravado e/ou ao vivo).

Implemente

- Escolham um tema central para o programa que será produzido coletivamente, tendo em mente o perfil do público-alvo que ouvirá a programação (pode ser as próprias crianças, inclusive);
- Produzam, colaborativamente, uma pauta e um roteiro, detalhando tudo o que irá compor a programação: entrevistas com professores e alunos, momentos musicais, *quiz*, matérias sobre os projetos da escola etc.;
- Definam as responsabilidades de cada aluno: produtor, repórter etc.;
- Adapte os roteiros dos programas para que não precisem ser lidos, afinal as crianças poderão não ser alfabetizadas. Para isso, peça que os alunos falem seus "textos", transcreva e, em seguida, transforme as falas em imagens. Esse roteiro permitirá que, no momento da gravação, as crianças lembrem do que foi discutido nas reuniões por meio da "leitura de imagens";
- Organize a sequência da programação conforme o roteiro predefinido;
- Ensaie antes de gravar ou realize uma veiculação ao vivo;
- Faça a gravação e edição usando programas gratuitos para edição de áudio, como o Audacity ou outro *software* similar;
- Divulgue o material produzido no formato "ao vivo" ou por meio de um site de compartilhamento de *podcasts*.

Avalie

- Analise a participação dos alunos, levando em conta suas habilidades e comprometimento com as tarefas predefinidas da prática;
- Organize rodas de conversa para identificar como está o andamento das ações do programa, levando em conta as impressões de quem faz e de quem ouve as produções.

Institucionalize

- Realize parcerias que fortaleçam a continuidade da rádio, como, por exemplo, com rádios comunitárias do território;
- Crie formulários para realizar pesquisas e enquetes sobre os temas preferidos do público que acompanha os programas;
- Publique fotos e vídeos do *making of* da atividade para divulgar a prática, principalmente entre as famílias das crianças que poderão, inclusive, ser convidadas para fazerem parte da programação.

#ficaadica: Nesta prática, é essencial que os professores atuem como mediadores do processo, garantindo o protagonismo e a liberdade de expressão das crianças.

MONITORIA ENTRE PARES

A estratégia de monitoria entre pares, ou monitor aluno-aluno, traz para a escola a possibilidade de os estudantes construírem o conhecimento coletivamente a partir da interação entre eles, apoiados ou orientados pelo professor.

A ideia é garantir uma troca entre os estudantes e formas de aprendizado, dando a eles a oportunidade de dividir, expor e questionar seus saberes, tendo como ponto de partida as dúvidas e as habilidades dos demais colegas. O que está em jogo é a construção ativa a partir da interação e do diálogo entre pares.

educacaointegral.org.br/especiais/praticas-pedagogicas/estrategias/monitoria-pares/

Nessa forma de atuação, os alunos que apresentam ou querem desenvolver capacidades de mediação se tornam monitores em sala de aula ou na escola, colaborando com os seus colegas. Os professores podem auxiliar indicando os conteúdos a serem trabalhados e fazendo as divisões dos pares. Pode-se, também, realizar uma organização mais participativa e deixar que as crianças e os adolescentes ajudem na definição dos detalhes do processo.

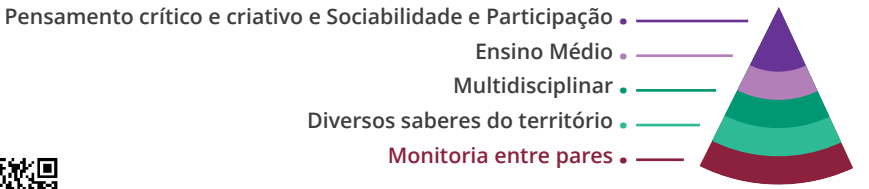
No processo de monitoria, é importante o apoio do professor na preparação dos alunos que atuam como monitores, tanto no que diz respeito aos conteúdos como no entendimento sobre o que é ser monitor.

Promover reuniões periódicas de estudo para fornecer subsídios aos participantes e estabelecer a dinâmica para ações como a correção de tarefas e a divisão de quem ficará sob a responsabilidade de cada um são pontos importantes.

Com a monitoria, além de aprofundarem melhor a compreensão dos conteúdos, os alunos passam a desenvolver competências de relacionamento pessoal e comunicação. Além disso, os educadores conseguem aproveitar melhor o tempo de aula e colocar a heterogeneidade da sala a favor da aprendizagem. A proposta pode ser aplicada a qualquer área do conhecimento dos Ensinos Fundamental e Médio e da Educação de Jovens e Adultos.

GRUPOS DE ESTUDO ENTRE JOVENS

A prática visa apoiar os alunos de Ensino Médio a revisitarem conteúdos trabalhados no Ensino Fundamental, ajudando-os a sanarem dúvidas e a ampliarem seus conhecimentos. A partir de um diagnóstico prévio sobre as temáticas específicas que precisam ser trabalhadas, os estudantes se dividem em pequenos grupos de estudo e contam com a tutoria de universitários, que atuam como parceiros da escola e facilitadores do processo educativo. As atividades são marcadas por estratégias inovadoras de ensino. Os grupos podem ser organizados como disciplinas optativas - envolvendo estudantes de várias turmas com desafios comuns - ou como estratégias da própria sala de aula.



educacaointegral.org.br/especiais/praticas-pedagogicas/praticas/grupos-jovens/

Planeje

- Identifique, junto aos estudantes, os conteúdos específicos que eles têm apresentado maior dificuldade;
- Estabeleça parcerias com faculdades ou convide os universitários estagiários que já atuam na escola em áreas correlatas, para que se tornarem tutores dos grupos;
- Crie grupos de estudo por conteúdos específicos. A duração dos grupos irá variar de acordo com o tempo necessário para aprofundar o tema escolhido;
- Defina o número de alunos que serão aceitos em cada grupo de estudo. Recomenda-se grupos pequenos, de cinco a sete estudantes, de forma que o tutor possa acompanhá-los de perto;
- Divulgue para os alunos os grupos que serão criados, bem como os dias e horários, quantidade de vagas e duração da atividade.

Implemente

- Ouça, inicialmente, as dificuldades dos estudantes em relação ao conteúdo específico para o qual se inscreveram;
- Pesquise e desenvolva, em conjunto com o universitário tutor, formas inovadoras de trabalhar os temas (exemplos: jogos, produção de veículos de mídia, experimentações práticas etc.) em cada encontro. Desafie-os a apresentarem o conteúdo utilizando novas linguagens e apoiando os estudantes com estratégias de mediação e estudo coletivo;
- Criem uma sequência didática para auxiliar os alunos em seu processo de aprendizagem;
- Utilizem plataformas online para ampliar os conhecimentos discutidos no grupo, como o MECflix, por exemplo (*mecflix.mec.gov.br*) ou o Geekie (*geekie.com.br*);
- Desafiem os alunos a buscarem informações sobre o conteúdo fora do horário do grupo de estudo.

Avalie

- Promova avaliações coletivas para que os alunos apontem a superação dos desafios propostos ou indiquem novas temáticas que precisam ser trabalhadas nos grupos;
- Utilize as plataformas online acessadas pelos estudantes para acompanhar a evolução do aprendizado;
- Promova encontros periódicos com o universitário tutor para analisarem os resultados.

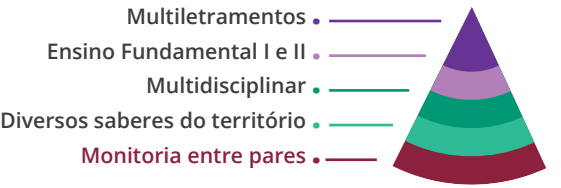
Institucionalize

- Comece com pequenos grupos e amplie-os variando arranjos e combinando estudantes com maior e menor dificuldade;
- Estabeleça, com o apoio da gestão, parcerias com diversas faculdades locais, a fim de aproximar cada vez mais os parceiros do dia a dia da escola por meio desta prática.

#ficaadica: O ponto-chave desta prática está na definição dos conteúdos que serão ofertados. Feito isso, é preciso também construir um espaço de confiança e proximidade nos encontros, além de utilizar diferentes recursos para apoiar a aprendizagem e desenvolvimento dos estudantes.

MONITORIA ENTRE ALUNOS COM E SEM DEFICIÊNCIA

A prática visa incentivar a parceria entre alunos com e sem deficiência nos processos formais de ensino-aprendizagem. As atividades de monitoria podem acontecer entre crianças, adolescentes e jovens da mesma turma e faixa etária ou em situações que envolvam estudantes de diferentes ciclos. O fundamental é cultivar e fortalecer contextos nos quais os próprios alunos são os protagonistas de práticas pedagógicas inclusivas, atuando com o apoio dos professores regulares e os professores de atendimento educacional especializado (AEE).



educacaointegral.org.br/especiais/praticas-pedagogicas/praticas/pares-inclusao/

Planeje

- Crie um momento de sensibilização sobre educação inclusiva, promovendo debates que envolvam toda a comunidade escolar;
- Elabore uma estratégia de monitoria entre pares para a sua turma. Você pode lançar uma campanha para mobilizar os alunos interessados em se tornarem monitores;
- Identifique na seleção os estudantes que tenham perfil colaborativo e participativo e capacidade de interação e escuta;
- Planeje as aulas e inclua discussões sobre diversidade. Podem ser utilizadas, por exemplo, as revistas da Turma da Mônica, ilustradas com histórias dos personagens Tati, que tem síndrome de *down*, Luca, que é cadeirante, e Dorinha, deficiente visual.

Implemente

- Implemente a estratégia de monitoria entre pares. Pode ser um monitor responsável por um pequeno grupo de colegas de sala com e sem deficiência; ou uma relação personalizada de monitor-aluno (com e sem deficiência);
- Desenvolva uma rotina de atividades em sala de aula e momentos de interação (recreio, intervalo de aulas, saída da escola) capazes de estimular os estudantes com e sem deficiência a trabalharem juntos;
- Valorize e reconheça perante o grupo essa relação de cuidado e companheirismo;
- Auxilie os estudantes a estruturarem uma agenda de estudo compartilhado, em que um apoia o outro na superação dos desafios relacionados ao processo de ensino-aprendizagem;
- Utilize, sempre que possível, uma abordagem curricular em Desenho Universal da Aprendizagem (DUA), assegurando o acesso, a participação e o inclusão de todos os alunos – com e sem deficiência.

Avalie

- Sistematize suas observações a respeito da prática de cooperação entre pares em um caderno de registros, diário de bordo etc. Compartilhe com os demais professores e gestores da escola;
- Verifique se, a partir da prática, os estudantes têm respondido à proposta e se apresentam melhores resultados acadêmicos e nas relações entre si.

Institucionalize

- Crie um espaço de escuta ativa dos familiares dos alunos com deficiência, como um conselho de pais, comissão ou uma coordenação de educação inclusiva;
- Sensibilize a comunidade escolar a implementar a prática em todas as turmas que tenham alunos com deficiência;
- Conte com a orientação de um professor de AEE dedicado a criar estratégias didáticas e a pensar em materiais e recursos específicos para alunos com deficiência.

#ficaadica: Promovam na escola momentos de reflexão sobre a visão que a comunidade escolar tinha/tem em relação aos alunos com deficiência e de que forma ela tem trabalhado o reconhecimento, o respeito, a valorização e a inclusão da diversidade.

MÚLTIPLAS INTERAÇÕES

Promover e fomentar práticas inclusivas na escola a partir de múltiplas interações tem se apresentado como fator-chave para a conquista de uma educação mais exitosa, tanto do ponto de vista de melhoria da aprendizagem dos estudantes, como da convivência entre toda a comunidade escolar.

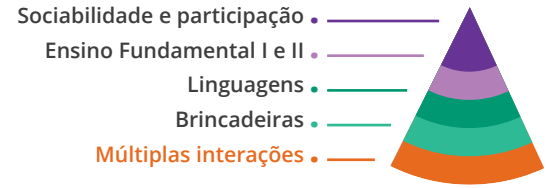
Em vez de segregar os estudantes por suas habilidades ou pela diminuição das oportunidades educativas, essas práticas são marcadas por duas características centrais: a criação de grupos heterogêneos que incluem alunos de todos os níveis de rendimento e diversidade étnico-racial, de gênero, de sexualidade, social e territorial e a reorganização de recursos humanos para atender a todos os estudantes.

Assim, a partir de um olhar inclusivo, são desenvolvidas estratégias para que os alunos percorram seu processo de aprendizagem com o auxílio do professor, da escola e do território. Essas interações entre estudantes, e deles com a comunidade escolar e do entorno os convidam a estabelecer relações na diversidade, e a aprender a construir conhecimentos e sentidos coletivamente, estabelecendo pontes entre as diferenças na construção de um ambiente acolhedor para todos.

Nesta perspectiva, nenhum estudante é deixado para trás. A abordagem de inclusão não apenas proporciona igualdade de oportunidades como tem uma orientação profunda para a igualdade de resultados de aprendizagem e desenvolvimento entre todos os alunos. O resultado é a criação de um ambiente escolar que promove o respeito mútuo e a solidariedade, e que aceita e valoriza a diversidade. Essas práticas ampliam as possibilidades de interação dos estudantes com o território, fomentam a aprendizagem dialógica, e convidam todos a compartilhar as responsabilidades por uma educação de qualidade.

ESPORTE EDUCACIONAL

A prática pedagógica tem o esporte como base para desenvolver habilidades e competências educacionais e de formação integral, tais como protagonismo, proatividade, colaboração e empatia. Seja qual for a atividade esportiva escolhida pelo professor, a prática segue os seguintes passos: 1) Divisão das equipes e criação de regras do jogo pelos alunos, sempre com o intuito de favorecer a participação de todos e minimizar as diferenças identificadas; 2) Jogo em si, sem arbitragem, para que os alunos possam desenvolver autonomia e autorregular a atividade; e 3) Avaliação da prática e reflexão sobre o cumprimento de combinados e regras.



educacaointegral.org.br/especiais/praticas-pedagogicas/praticas/esporte-educacional/

Planeje

- Defina uma prática esportiva ou brincadeira a ser realizada. Para isso, consulte as preferências dos alunos;
- Deixe que os estudantes façam a divisão das equipes de forma espontânea. A única orientação para esta etapa é que as diferenças entre equipes sejam minimizadas
- Estimule que os alunos avaliem especificidades, tais como deficiências de diversas naturezas, questões de gênero e habilidades no esporte ou brincadeira em questão. A ideia é incentivar um olhar empático perante a diversidade;
- Busque um espaço físico adequado para a realização da atividade definida;
- Estabeleça um tempo para a atividade.

Implemente

- Oriente os alunos na definição das regras do jogo. Elas servirão para apoiar o objetivo de estimular a participação de todos. Por exemplo, no futebol, o gol só será válido se for feito por uma menina. Ou no caso de haver alunos com deficiência, serão adotadas medidas que minimizem a diferença perante os demais alunos;
- Evite fazer observações ou realizar arbitragem durante o jogo. Os alunos devem se responsabilizar pelo cumprimento e regulação das regras que desenvolveram.

Avalie

- Realize a facilitação do processo de avaliação ao final da atividade. Nesse momento, os alunos devem refletir sobre como se deu a prática, se a regras foram ou não respeitadas e quais os aprendizados que eles desenvolveram no processo;
- Acompanhe o amadurecimento dos alunos em relação às competências esperadas;
- Promova conversas com os responsáveis pelos alunos, durante as reuniões de pais. Por exemplo, sobre a melhora dos filhos no desenvolvimento das competências esperadas.

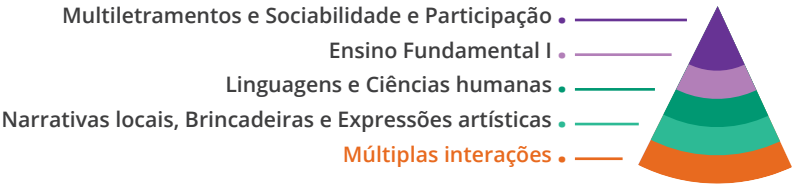
Institucionalize

- Amplie o trabalho trazendo novas modalidades para os alunos;
- Convide esportistas da região para fazerem palestras para os estudantes sobre autonomia e participação;
- Estimule a realização de torneios colaborativos envolvendo toda a escola.

#ficaadica: Para ajudar os alunos a desenvolverem competências como protagonismo, proatividade, colaboração e empatia, o professor deve atuar como facilitador dos processos. Todos os momentos de tomada de decisão e reflexão devem ter os estudantes como figuras centrais.

FORMAÇÃO DE MEDIADORES DE LEITURA

A prática tem como proposta promover o acesso qualificado do acervo da biblioteca da escola para estudantes e seus familiares, por meio de atividades de mediação de leitura. Ela também desenvolve comportamentos de leitura, amplia o conhecimento sobre livros e autores e garante a efetiva interação entre educandos e comunidade escolar. Para tanto, realiza atividades em duas etapas: a primeira de formação de alunos leitores, e a segunda de visitação à casa de famílias que desejam receber os mediadores de leitura, que levam uma pequena parte do acervo literário da escola para as residências e leem para os anfitriões as obras escolhidas.



educacaointegral.org.br/especiais/praticas-pedagogicas/praticas/mediadores-leitura/

Planeje

- Pergunte, nas reuniões entre pais e professores, quais famílias gostariam de receber a visita de mediadores de leitura. Anote nome, telefone e endereço dos interessados;
- Convide os estudantes a participarem da atividade de formação de mediadores. O ideal é que cada grupo tenha, no máximo, 15 alunos;
- Organize a formação de alunos mediadores (sugestão: encontros uma vez por semana, com duração de 1h30, na biblioteca ou sala de leitura). Garanta o acesso ao acervo de livros da escola e faça uma pré-seleção das obras que podem ser utilizadas;
- Elabore um cronograma de visitas, a cada 15 dias, às famílias;
- Agende as visitas às residências, considerando o apoio da escola para deslocamento dos alunos a pé pelo território. Solicite as autorizações dos pais para as saídas.

Implemente

- Execute a formação dos mediadores, disponibilizando o acervo aos estudantes, apresentando as obras e os autores e convidando-os a conhecerem os livros;
- Escolha, em conjunto com os estudantes, um livro. Leia-o em voz alta;
- Convide os alunos a escolherem, cada um, uma obra para que leiam em silêncio. Em seguida, forme duplas e oriente-os a lerem a obra que têm em mãos um para o outro;
- Dê dicas aos estudantes relacionadas à altura da voz e velocidade da leitura, assim como à apresentação do livro;
- Escolha, com os alunos, aquele que será o leitor do dia durante a visita. Essa função deve ser rotativa. Ele também deve selecionar o livro que deseja ler em público;
- Reúna o grupo no dia agendado para a visita e distribua, entre eles, alguns livros. Siga caminhando até a residência. Conte com o apoio da gestão ou de outros professores;
- Apresente o grupo à família. Faça uma roda com os participantes e peça aos estudantes para colocarem os livros no centro do círculo;
- Convide o leitor do dia para iniciar a leitura da obra que escolheu;
- Forme subgrupos entre estudantes e membros da família. Os alunos devem escolher, cada um, uma obra que será lida para os familiares, e estes, por sua vez, podem selecionar um livro para ser lido para os educandos. A proposta é que eles ocupem os papéis de leitor e ouvinte, a cada vez;
- Encerre a atividade com uma dinâmica que promova a integração do grupo.

Avalie

- Registre, em um diário ou em vídeo, o desempenho dos estudantes nas oficinas e visitas, apontando dificuldades e superações;
- Promova reuniões de avaliação com outros professores, apreciando os registros;
- Colha depoimentos dos pais e familiares que receberam a visita dos mediadores.

Institucionalize

- Compartilhe, com a comunidade escolar, os resultados percebidos na prática, por meio de matérias no jornal, rádio ou blog da escola.

#ficaadica: Caminhar da escola até as residências é a melhor forma de realizar a atividade, uma vez que, nesse percurso, os estudantes transitam pelo bairro.

TERTÚLIAS DIALÓGICAS

Trata-se de uma prática em que os estudantes, após entrarem individualmente em contato com um clássico da literatura, das artes visuais, da música ou das ciências naturais, debatem a obra coletivamente. Baseada na leitura dialógica como meio de aprendizagem, esta prática envolve um processo de leitura crítica e interpretação coletiva, em um contexto no qual são valorizados os argumentos dos participantes sobre as obras. Na tertúlia dialógica, cada pessoa dá um novo sentido à leitura, e, assim, o grupo alcança compreensões mais profundas e complexas, construindo o conhecimento de maneira compartilhada.

Sociabilidade e Participação, Multiletramentos e Pensamento crítico e criativo

Ensino Fundamental II, Ensino Médio e EJA

Linguagens, Ciências humanas e Ciências da natureza

Diversos saberes do território

Múltiplas interações



educacaointegral.org.br/especiais/praticas-pedagogicas/praticas/tertulias/

Planeje

- Escolha, em comum acordo com os estudantes, a obra que será lida e comentada;
- Disponibilize, para os alunos, a obra que será debatida na tertúlia, com antecedência. É importante que cada estudante tenha um exemplar;
- Oriente os participantes a escolherem, cada um, um trecho da obra que gostariam de destacar e sobre o qual desejam fazer um comentário;
- Incentive cada estudante a ter seu caderno de tertúlia, para tomar nota da parte que vai destacar e do comentário que irá fazer;
- Caso não seja possível realizar a leitura previamente, pode-se destinar um tempo para a leitura no início da tertúlia;
- Organize o espaço em que a prática ocorrerá, de maneira a facilitar o diálogo igualitário. Preferencialmente, com todos os participantes sentados em círculo.

Implemente

- Pergunte quem gostaria de destacar e comentar um trecho ou parte da obra escolhida. O professor atuará como moderador e garantirá que todos ocupem o espaço de fala em algum momento e que exercitem a escuta;
- Abra inscrições para a intervenção e anote, em ordem, o nome dos estudantes que desejam fazer algum destaque;
- Dê início às falas, seguindo a ordem de inscrições;
- Solicite ao estudante que inicia a tertúlia que ele indique onde está, na obra, o trecho escolhido e que leia-o em voz alta, quando se tratar de um texto;
- Pergunte se alguém escolheu o mesmo trecho ou se deseja comentar o fragmento lido ou a ideia colocada. A cada comentário realizado, abra inscrições novamente para quem quiser comentar o destaque feito;
- Passe a palavra à próxima pessoa inscrita, até que todos tenham se manifestado;
- Programe no fim a próxima tertúlia dialógica - a obra ou o trecho a ser discutido - e o horário e o lugar da reunião.

Avalie

- Registre os comentários elaborados pelos estudantes em relação à obra;
- Sistematize as observações produzidas pelos alunos, a cada tertúlia, de maneira a avaliar o desenvolvimento de leitura crítica e da compreensão leitora;
- Promova atividades coletivas, fazendo releituras da obra em outras linguagens.

Institucionalize

- Promova a tertúlia dialógica regularmente, em rotina semanal ou quinzenal;
- Convide a equipe de professores e gestores da escola para uma tertúlia pedagógica;
- Convoque, também, os familiares dos educandos para uma tertúlia dialógica.

#ficaadica: Existe o desafio de disponibilizar as obras literárias, musicais, visuais e científicas para todos os participantes. Por isso, é fundamental utilizar a tecnologia a seu favor. Muitos clássicos são obras de domínio público, disponíveis na internet. Garanta o acesso à obra digital e compartilhe para leitura ou audição em computadores, tablets e celulares.

PARTICIPAÇÃO EDUCATIVA DA COMUNIDADE

Cada vez mais, pesquisas nacionais e internacionais têm demonstrado o quanto a participação dos familiares e da comunidade na escola impactam positivamente na aprendizagem das crianças e dos adolescentes, uma vez que ela depende muito mais do conjunto de interações que o aluno vivencia que das que ocorrem somente dentro da sala de aula.

Assim, ao promover sistematicamente essa aproximação, aumentam o sentido, as expectativas e o compromisso de todos com a educação, além de fortalecer as redes de solidariedade.

A proposta fundamental dessa estratégia é envolver os familiares e parceiros do entorno nos processos de decisão da escola, assim como facilitar sua participação nas práticas diretas com os alunos, tanto como voluntários nas atividades de aprendizagem dentro da sala de aula quanto em atividades extracurriculares. Paralelamente, as famílias e outros membros da comunidade participam de programas educativos direcionados a eles e oferecidos de acordo com suas necessidades.

educacaointegral.org.br/especiais/praticas-pedagogicas/estrategias/participacao-comunidade/

Essa intensa participação incide em questões fundamentais da vida escolar e afetam os resultados de aprendizagem, uma vez que facilita o diálogo entre as famílias, a escola e outros agentes educativos, possibilita a tomada conjunta de decisões que visam a melhoria do rendimento escolar dos alunos, melhora a relação entre família, escola e bairro, reforça as relações de cumplicidade entre a escola e o território, beneficiando tanto os alunos quanto a comunidade em geral, e, por fim, permite uma relação mais igualitária com as famílias e outros agentes, contribuindo para a superação das desigualdades e a prevenção e resolução de conflitos.

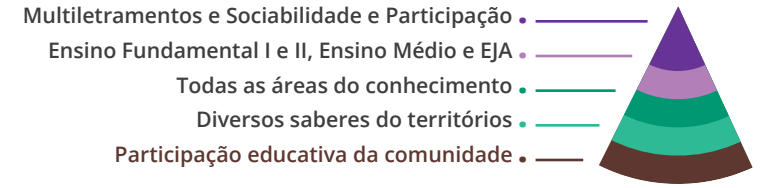
Outro impacto positivo diz respeito ao reconhecimento das famílias em relação ao aprendizado de seus filhos, além do aumento das habilidades e o empoderamento dos próprios pais, transformando as interações que acontecem em casa e fortalecendo a permanência interessada dos estudantes no processo educativo.

Ao mesmo tempo, a escola passa a valorizar os saberes dessa comunidade e fortalece o sentimento de corresponsabilidade de todos para a promoção de uma educação de qualidade, destacando o papel das famílias como motor de transformação do contexto escolar e melhora da convivência e excelência na aprendizagem.

Os efeitos se estendem, assim, para além das paredes da escola, já que essas formas de participação contribuem para transformações pessoais e sociais.

GRUPOS INTERATIVOS

Trata-se de uma forma de organização da sala de aula, que permite que o conhecimento seja construído de maneira colaborativa, tendo como premissas a solidariedade, o diálogo igualitário e o respeito às diferenças. Os estudantes são divididos em pequenos grupos, considerando diferentes níveis de aprendizagem, habilidades distintas e diversidade de gênero e cultura. Os grupos cumprem tarefas em esquema rotativo e, no fim, cada coletivo terá realizado todas as atividades propostas. A ação conta com o apoio de um voluntário, que acompanha os grupos. A prática amplia os ambientes de interação e estimula laços de empatia, apoiando a aprendizagem e o desenvolvimento dos estudantes.



educacaointegral.org.br/especiais/praticas-pedagogicas/praticas/grupos-interativos/

Planeje

- Escolha um conteúdo já ensinado em sala de aula;
- Elabore propostas de atividades sobre esse conteúdo. O número de atividades deve estar de acordo com a quantidade de grupos em que a sala será dividida;
- Convide voluntários para participar. Eles serão os responsáveis por facilitar a interação entre os estudantes nos grupos. Os voluntários podem ser pais de alunos, estudantes de séries avançadas ou outros participantes da comunidade escolar;
- Explique aos voluntários que seu papel é facilitar a interação nos grupos, incentivando a ajuda mútua entre os estudantes para a resolução das atividades.

Implemente

- Distribua os estudantes em pequenos grupos heterogêneos, tendo como critérios a competência e o ritmo de aprendizagem de cada um, assim como a diversidade de gênero, etnia e cultura;
- Receba os voluntários, apresente-os e distribua-os nos grupos. Oriente-os a acompanharem o processo de aprendizagem dos alunos e de interação entre eles;
- Explique os objetivos de cada uma das atividades distribuídas entre os grupos. Enfatize que elas devem ser resolvidas coletivamente, por meio do diálogo igualitário;
- Circule entre os grupos, ofereça atenção personalizada aos estudantes, apoie e reforce o trabalho dos voluntários;
- Organize o rodízio e alterne as atividades entre os grupos interativos a cada 20 minutos ou quando a atividade for resolvida. A aula termina quando todos os grupos tiverem passado por todas as atividades.

Avalie

- Considere as observações ressaltadas pelos voluntários, a fim de avaliar se houve incorporação do aprendizado por meio da linguagem, do diálogo e da interação;
- Analise se todas as atividades propostas foram realizadas pelos grupos e se eles ainda têm dúvidas a respeito do conteúdo;
- Verifique se o nível de aprendizagem dos alunos tem aumentado a partir dessa proposta de trabalho.

Institucionalize

- Promova essa forma de organização da sala em todas as aulas, com regularidade e por um tempo definido;
- Sistematize os resultados da prática e compartilhe com os demais professores e com a coordenação pedagógica.

#ficaadica: É fundamental o envolvimento dos voluntários. Portanto, crie estratégias para engajá-los efetivamente, fazendo-os perceber o quanto podem aprender com os estudantes. Além disso, quanto mais diversificado for o perfil dos voluntários, maior será a aprendizagem. E aproveite: essa é uma porta de entrada e de permanência da comunidade na escola.

PERSONALIZAÇÃO

A diversidade é uma das principais características da humanidade: cada pessoa atribui sentido, se envolve emocionalmente, percebe o mundo e se mobiliza socialmente com questões da comunidade de forma diversa e particular.

Como não poderia deixar ser, essa mesma diversidade se faz presente na realidade da escola e no cotidiano dos estudantes. Cada um dos alunos tem interesses diversos, competências variadas e aptidões diferentes que irão se refletir na sua forma e tempo de aprender. Ou seja, para dar conta dessa pluralidade e garantir um processo de aprendizagem de fato significativo para todos, o educador precisa lançar mão de uma série de estratégias pedagógicas voltadas a promover o desenvolvimento dos estudantes de maneira individualizada.

educacaointegral.org.br/especiais/praticas-pedagogicas/estrategias/personalizacao/

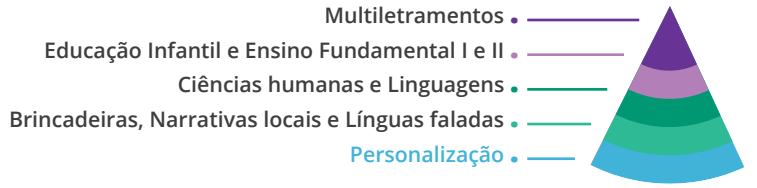
Nessa proposta de personalização do ensino, cada aluno é visto como único, com interesses, potencialidades, dificuldades e talentos próprios, e, assim, ele demandará estímulos de aprendizagem diferentes dos demais.

Um ensino personalizado leva em consideração alguns princípios norteadores: autonomia do estudante, ou seja, ele é o principal agente do seu aprendizado, ambiente de aprendizagem reorganizado, com maior flexibilidade na infraestrutura, mentoria de um adulto de referência, criação de planos individuais de estudo, estabelecimento de avaliação individualizada e processuais, aprendizado por projetos, principalmente interdisciplinares, e promoção do desenvolvimento integral dos estudantes.

Para a construção de processos de personalização de ensino, é essencial também que os professores e a escola levem em conta alguns aspectos, como a importância de se conhecer a fundo cada aluno, de criar estratégias que permitam ao próprio descobrir quais as metodologias mais eficazes em seu processo de ensino e aprendizagem, de garantir que os conteúdos estudados tenham sentido e aplicação prática e de fomentar a criação de ambientes de confiança, generosidade, construção e responsabilidade coletiva.

CONTAÇÃO DE HISTÓRIA INCLUSIVA

A prática amplia o acesso de crianças, adolescentes e jovens às diversas narrativas e linguagens literárias, promovendo o gosto pela leitura. A proposta é que estudantes com e sem deficiência participem de encontros literários realizados como parte das atividades planejadas no calendário escolar, em locais diversos, na escola ou no território. A narração das histórias acontece com suporte de recursos multissensoriais, manipulativos e digitais que respeitam e valorizam os diferentes ritmos e os percursos de aprendizagem de cada estudante, promovendo a colaboração e a mediação entre pares.



educacaointegral.org.br/especiais/praticas-pedagogicas/praticas/contacao-inclusiva/

Planeje

- Aprofunde seus conhecimentos sobre a prática de Desenho Universal da Aprendizagem (DUA), considerando que se trata de um conjunto de possibilidades – materiais flexíveis, técnicas e estratégias – que buscam ampliar a aprendizagem de alunos com ou sem deficiência;
- Selecione os livros que serão trabalhados e faça a análise dos seus conceitos-chave;
- Crie os protótipos dos recursos multissensoriais necessários para a implementação da contação dessa história (exemplo: confecção de um tapete multissensorial com elementos digitais e manipulativos ou um livro digital inclusivo, com a função de auxiliar a narração de histórias para alunos com e sem deficiência);
- Realize testes dos recursos manipulativos e digitais antes de colocá-los em prática;
- Planeje as atividades considerando a interdisciplinaridade dos conteúdos curriculares, contando com o apoio do professor de Atendimento Educacional Especializado (AEE);
- Inicie por um produto com um foco bem delimitado e vá ampliando aos poucos o escopo da atividade.

Implemente

- Crie um momento, no início do encontro, para que os estudantes possam explorar os recursos livremente, cada um ao seu tempo;
- Inicie a narrativa da história contemplando a proposta de uma livre exploração orientada, na qual estudantes com e sem deficiência participam juntos;
- Garanta que no decorrer da prática de leitura as três funcionalidades (auditiva, visual e proprioceptiva/sensorial) sejam contempladas e vivenciadas. A exemplo do tapete multissensorial, os alunos poderão experienciar esses diferentes estímulos e, com sua ajuda, conectá-los aos conceitos-chave presentes no livro.

Avalie

- Utilize a pesquisa-ação como princípio metodológico. Ou seja, implemente um processo investigativo que siga um movimento sistemático de ação (planejamento e implementação das atividades) e reflexão no campo da prática pedagógica, discutindo com a coordenação pedagógica e com o professor de AEE o que deu certo e o que pode ser melhorado na experiência.

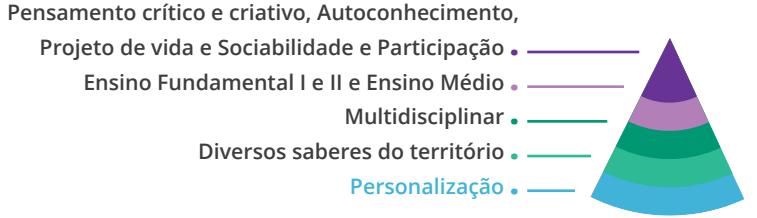
Institucionalize

- Estabeleça, quando possível, parceria com a Rede de Leitura Inclusiva do seu território e solicite os livros de histórias em formato acessível;
- Organize encontros de formação regulares sobre Leitura Inclusiva em Desenho Universal da Aprendizagem com a presença de outros professores da escola, de professores de AEE e a da gestão escolar;
- Disponibilize todo o material produzido como um recurso aberto.

#ficaadica: A parceria e o trabalho conjunto entre o professor regular e o professor de Atendimento Educacional Especializado (AEE) são fundamentais. E lembre-se: a contação de história inclusiva não necessita de alta tecnologia para ser viabilizada!

EDUCADOR ORIENTADOR

Trata-se de uma estratégia personalizada de orientação pedagógica dos educandos. Os estudantes são divididos em times, considerando, principalmente, suas afinidades e diferentes saberes. Para cada time, é definido um educador orientador, que será o responsável pelo acompanhamento da trajetória escolar de cada participante. O educador deverá trazer aos alunos novos conhecimentos e exemplos. Esta prática facilita também a integração dos estudantes e tem foco em suas demandas de aprendizagem e desenvolvimento, contribuindo para a concentração e perseverança nos estudos, capacidade de planejamento e organização e para se trabalhar de maneira colaborativa.



educacaointegral.org.br/especiais/praticas-pedagogicas/praticas/educador-orientador/

Planeje

- Divida os estudantes em times, levando em conta seus saberes acadêmicos, relações de convivência e perfis distintos. A heterogeneidade faz do aprendizado uma experiência mais plural. Os grupos podem ser formados por cinco ou seis membros;
- Organize, com o apoio da gestão escolar e com os outros professores, quem será o responsável por por cada time, garantindo um atendimento personalizado;
- Defina a periodicidade dos encontros de orientação, a duração dos times (bimestral, semestral ou anual) e a logística (espaços, horários etc.);
- Elabore um itinerário formativo, que guiará o processo de orientação e os encontros. O itinerário deve prever reflexões e vivências que levem o educando a pensar, agir, identificar e incorporar valores afinados com ideais expressos no projeto pedagógico. Considere duas questões centrais: que tipo de jovem queremos formar? Que tipo de mundo para cuja construção nós queremos influenciar com a formação desse jovem?;
- Elenque os temas que serão estruturantes para os encontros.

Implemente

- Realize os encontros de orientação. Eles podem se configurar como espaços para o acompanhamento do desempenho escolar, momentos lúdicos, artísticos e de ócio criativo, atividades fora da escola, palestras sobre temas de interesse dos alunos;
- Colha comentários dos estudantes sobre suas habilidades e potenciais desafios em relação à vida escolar, para que as reuniões e orientações estejam comprometidas com o cotidiano e com as expectativas deles;
- Faça uso de ferramentas de trabalho em grupo, como acordos de convivência, registro e acompanhamento de metas coletivas, grupos focais, dinâmicas de grupos, entre outras;
- Anote em um diário o que é experimentado em cada orientação. Cada escola pode construir um formulário de acompanhamento, de acordo com suas demandas;
- Crie outros canais de encontro, como redes virtuais. O acompanhamento à distância é um recurso que, quando bem usado, facilita o processo.

Avalie

- Reflita sobre os conteúdos registrados ao longo dos encontros, avaliando sobre o impacto das orientações no desempenho escolar individual e coletivo dos estudantes;
- Analise com os demais professores, em reuniões de abertura e fechamento do semestre, as demandas, os registros, os impactos e desafios que surgiram durante a implementação da prática.

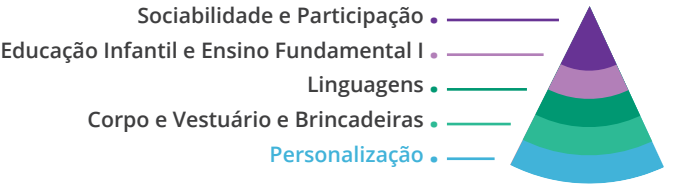
Institucionalize

- Promova debates entre os docentes acerca dos princípios que norteiam a prática;
- Sensibilize os demais professores e a gestão escolar sobre a importância do acompanhamento personalizado, mediante os resultados atingidos.

#ficaadica: É necessário adequar as ideias sustentadoras da prática à identidade e ao ritmo de cada escola. Todas devem ter autonomia para criar seus itinerários formativos e sua estratégia de formação de times.

ESPORTE INCLUSIVO

A proposta do esporte inclusivo visa estimular um olhar diferenciado para a Educação Física, adaptando as atividades de forma a garantir a participação efetiva e prazerosa de todos os alunos, com e sem deficiência. O objetivo é fortalecer a interação, a autonomia e a autoestima de todos os alunos, favorecendo o desenvolvimento afetivo, cognitivo, motor e linguístico. A prática contempla a realização de uma avaliação diagnóstica das particularidades da turma e, a partir daí, lança-se um olhar para a flexibilização de regras e recursos. O desenvolvimento de materiais adaptados às necessidades dos alunos e às novas regras é, também, parte do processo educativo.



educacaointegral.org.br/especiais/praticas-pedagogicas/praticas/esporte-inclusivo/

Planeje

- Faça uma avaliação diagnóstica, juntamente com os alunos, das características da turma, considerando deficiências e habilidades específicas;
- Estude possibilidades de atividades inclusivas, considerando o perfil do grupo e acessando organizações e pessoas de referência no tema que possam lhe ajudar. No site do Instituto Rodrigo Mendes (*institutorodrigomendes.org.br*), por exemplo, há várias sugestões, como a criação de placas com dicas em cada estação de um circuito de atletismo para facilitar a compreensão dos alunos, flexibilização dos movimentos de uma roda de capoeira para incentivar o engajamento e a perda da timidez, adaptação dos materiais do jogo de bocha para um aluno com deficiência, entre outros;
- Providencie um espaço adequado para a realização da prática escolhida. Lembre-se de que o pátio, os corredores etc. também podem ser utilizados, assim como espaços parceiros e públicos, como praças e jardins.

Implemente

- Desenvolva, caso não haja uma atividade já existente, atividades físicas customizadas para o perfil da turma. Pode-se, inclusive, batizar a nova prática proposta;
- Utilize, caso se aplique, o conceito de "inclusão reversa", que consiste na supressão de algum sentido ou forma de locomoção, para igualar as habilidades dos alunos;
- Discuta com os estudantes novas regras e recursos necessários à participação efetiva e prazerosa de todos;
- Desenvolva, juntamente com eles, os materiais necessários para a realização da nova atividade;
- Realize e registre a prática.

Avalie

- Faça uma rodada de avaliação, no fim da atividade, contando com a participação de todos os envolvidos. Nem sempre o resultado esperado ocorre na primeira rodada;
- Elabore um novo planejamento, contando com os insumos colhidos na etapa de avaliação e adapte a prática, caso necessário;
- Pergunte aos alunos com e sem deficiência como se sentiram durante o processo, tendo em mente que o sentimento de participação efetiva é um conceito subjetivo, ou seja, muda de pessoa para pessoa.

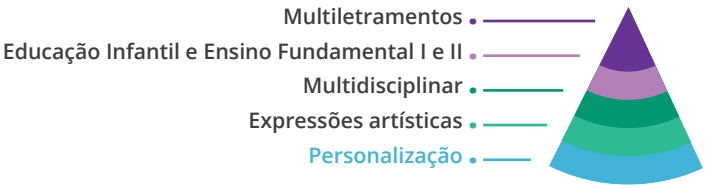
Institucionalize

- Aproveite esta prática para explorar, além de questões relacionadas a deficiências, também a respeito da diversidade em geral;
- Realize atividades colaborativas entre diferentes turmas e séries, que contribuam para a mudança da cultura de competição e alto rendimento, ainda presente em algumas práticas da Educação Física.

#ficaadica: Na prática, o jogar junto e o brincar devem ser os focos prioritários. A satisfação de contar com a participação de todos e de desenvolver nos alunos competências essenciais, como empatia e colaboração, são resultados esperados. Essa é uma forma de ressignificar a prática da Educação Física na escola.

LABORATÓRIOS DE INOVAÇÃO E CRIATIVIDADE

A prática visa aproximar os professores regulares e os professores de atendimento educacional especializado (AEE), em uma estratégia conjunta, para facilitar a inclusão dos alunos com deficiência nas salas de aula regulares. Estimula-se o trabalho colaborativo desses profissionais para que pensem como utilizar as ferramentas existentes nas salas com recursos multifuncionais, a fim de transformar esses espaços em "Laboratórios de Inovação e Criatividade". Nesses locais, são produzidos recursos multissensoriais em Desenho Universal da Aprendizagem (DUA), criando oportunidades para que estudantes com e sem deficiência possam aprender juntos e considerando as singularidades de cada um.



educacaointegral.org.br/especiais/praticas-pedagogicas/praticas/laboratorios/

Planeje

- Aprofunde seus conhecimentos sobre a prática de Desenho Universal da Aprendizagem, considerando que se trata de um conjunto de possibilidades – materiais flexíveis, técnicas e estratégias – que buscam ampliar a aprendizagem de alunos com ou sem deficiência;
- Incentive que a sua escola, com o apoio da comunidade e da Secretaria de Educação, estruture as salas com recursos multifuncionais em Desenho Universal e acrescente recursos de prototipagem de baixa tecnologia *maker* (tecnologia "mão na massa"). Exemplos: máquinas de costura, estações de marcenaria e solda, recursos ópticos e não ópticos, *softwares* específicos etc. Tudo depende das características da escola e da especificidade de seus projetos;
- Estabeleça um planejamento coletivo com os professores de Atendimento Educacional Especializado (AEE), coordenador pedagógico e facilitadores *maker*;
- Crie estratégias e objetivos claros que conectem a intencionalidade pedagógica dos recursos das salas multifuncionais aos conteúdos que serão trabalhados no período.

Implemente

- Estabeleçam encontros presenciais com a equipe formada para discutir um cenário atual e futuro para a produção de recursos multissensoriais em Desenho Universal;
- Siga para a prototipagem do recurso nas salas multifuncionais, que pode ser uma maquete, um tapete multissensorial, um jogo etc.;
- Aplique as atividades previstas com o grupo de estudantes com e sem deficiência. Oriente-se por uma intencionalidade pedagógica colaborativa, multissensorial, inclusiva e mão na massa;
- Garanta que todos os alunos se envolvam no processo;
- Faça registros a respeito da interação dos estudantes com deficiências com o recurso desenvolvido e com os demais estudantes.

Avalie

- Escolha o tipo de registro que será utilizado (audiovisual, portfólio, entre outros). Em seguida, analise coletivamente com seu grupo propositor;
- Realize ajustes, quando necessário, para aprimorar e adequar o recurso às necessidades encontradas.

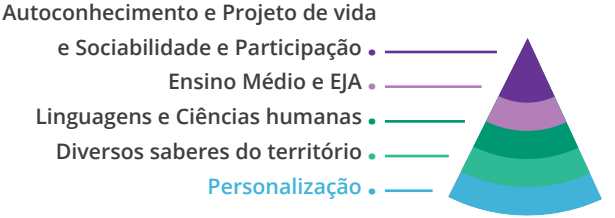
Institucionalize

- Incorpore o conceito de Desenho Universal da Aprendizagem ao planejamento curricular, e não apenas como uma estratégia complementar;
- Sistematize e compartilhe as reflexões do grupo em um banco de recursos da sua escola e incentive o mesmo para outras escolas, pensando em um banco da própria rede municipal/estadual de educação.

#ficaadica: Sempre planeje os recursos multissensoriais pensando na diversidade da turma – estudantes com e sem deficiência. Para isso, os encontros na escola, envolvendo os professores regentes da escola, os professores de AEE e a gestão escolar são fundamentais!

RODADA DE *PITCHES*

A capacidade de se organizar para apresentar uma ideia, defender uma causa ou traçar caminhos para alcançar um objetivo pode ser desenvolvida com a mediação do educador. Para isso, é preciso identificar um tema a ser trabalhado com a turma e planejar caminhos possíveis para tirar a ideia do papel e virar realidade. Nesse sentido, esta prática busca organizar uma rodada de *pitches* (apresentações-relâmpago) como estratégia para trabalhar com diferentes assuntos de interesse dos alunos, que deverão passar por etapas de pesquisa, planejamento e apresentação de uma ideia ou conceito de forma objetiva e concisa.



Planeje

- Realize uma pesquisa prévia sobre alguns temas ou conceitos que poderão vir a ser "defendidos" pela turma, destacando dicas ou frases de efeito, que podem ser espalhadas nas paredes do espaço em que a prática será conduzida;
- Explique aos alunos que um "*pitch*" (apresentação-relâmpago) se trata de uma estratégia que consiste na habilidade de sintetizar uma ideia em poucas palavras, como se o estudante fosse "vender o peixe";
- Separe exemplos de vídeos de *pitches* disponíveis na internet, para servir de inspiração.

Implemente

- Organize a sala em grupos de acordo com os temas ou conceitos propostos e oriente-os para que definam um tema comum para ser o fio condutor dos *pitches* (nesse momento, o professor pode mediar o processo a fim de que sejam trabalhados temas específicos do currículo escolar ou permitir que os alunos escolham entre assuntos pautados na atualidade, por exemplo);
- Busque instruir a turma a produzir os *pitches* a partir dos seguintes passos: 1) identificação de um problema central, 2) contextualização a respeito do assunto e 3) propostas de intervenção relacionadas ao tema, contendo uma ou mais possíveis soluções referentes ao problema encontrado;
- Acompanhe a criação, por parte dos grupos, das apresentações-relâmpago. Eles podem criar protótipos, por exemplo, que demonstrarão como irão percorrer os passos acima mencionados até o momento da rodada;
- Promova a rodada de *pitches*, convidando também as famílias e a comunidade escolar e do entorno para participarem.

Avalie

- Defina, em conjunto com os alunos, quais das apresentações realizadas valeriam a pena ser implementadas, visto os desafios e as soluções propostas. Dessa maneira, busque chegar em algumas propostas que mais mereceram destaque para obter melhores avaliações e, quando possível, avance com os estudantes para implementá-las na prática, construindo novos projetos.

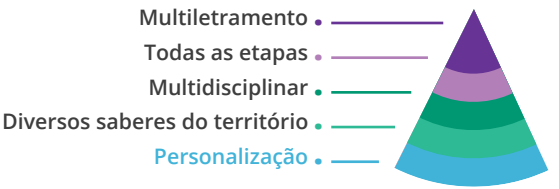
Institucionalize

- Incentive a participação de representantes da comunidade do entorno na realização dessa prática, para que os alunos possam agregar, por exemplo, parcerias para as propostas compartilhadas.

#ficaadica: Esta é uma metodologia que pode ser realizada com qualquer pessoa interessada em traçar propostas de intervenção nas várias áreas do conhecimento. Lembre-se que as melhores ideias são aquelas que modificam a vida de muita gente e que não se deve julgar nenhuma apresentação a partir apenas da subjetividade. Procure ter em mente o processo como foco, e não apenas o produto final (o *pitch* em si).

SEQUÊNCIAS DIDÁTICAS NA EDUCAÇÃO INTEGRAL

As sequências didáticas são uma das possíveis estratégias a serem utilizadas pelos educadores para organizar um trabalho pedagógico. São situações didáticas articuladas, em que há uma progressão de desafios a serem enfrentados pelos estudantes para que construam um determinado conhecimento. Na perspectiva da Educação Integral, as sequências didáticas são aplicadas a partir de alguns elementos centrais, como a articulação com o currículo, a atenção ao contexto dos alunos, a valorização da autonomia e do protagonismo dos estudantes, além de assumirem o território como um importante espaço de aprendizagem.



educacaointegral.org.br/especiais/praticas-pedagogicas/praticas/sequencias-didaticas/

Planeje

- Defina o que será ensinado aos estudantes e o que se espera que seja aprendido. As práticas devem abordar conteúdos definidos pelo currículo previsto, buscando formas inovadoras de abordar essas temáticas. Para isso, escolha quais as melhores linguagens (jogos, vídeos, dinâmicas, trabalho em grupo etc.) para se aplicar o conteúdo, antecipando possíveis imprevistos ou problemas, e já preveja soluções;
- Lembre-se de que é importante que as atividades propostas na sequência considerem recursos do Desenho Universal de Aprendizagem, ou seja, respeitem as singularidades de cada um dos estudantes;
- Inicie a sequência a partir de uma atividade de sondagem, utilizando, por exemplo, perguntas abertas, desenhos e/ou rodas de conversas.

Implemente

- Estabeleça orientações didáticas que demonstrem os objetivos das atividades que serão realizadas aos alunos e sua intencionalidade pedagógica;
- Certifique-se de que exista a autoria dos estudantes ao longo de todo o processo. É importante que conheçam os passos das atividades, que tenham protagonismo nas situações de pesquisa e descobertas e que possam criar hipóteses, confrontar opiniões, fundamentar escolhas e explorar conceitos;
- Identifique possíveis parcerias, materiais e espaços que poderá lançar mão, com especial atenção ao território e às demandas trazidas pelos estudantes;
- Considere diferentes linguagens, formas de organizar o conhecimento, uso de espaços e a possibilidade de processos com autonomia e protagonismo dos estudantes;
- Registre todo o processo por meio de fotos, vídeos, mapas conceituais, pautas de observação etc.;
- Experimente a sequência e sistematize a prática.

Avalie

- Faça uso de procedimentos de avaliação ao longo da sequência e por meio de diferentes instrumentos (rodas de conversa, avaliações individuais ou em grupo, produção de materiais que façam parte das etapas da sequência didática etc.);
- Lembre-se de garantir momentos de autoavaliação durante todo o processo;
- Faça uma reflexão, a cada etapa realizada, sobre o andamento da atividade. Retome os objetivos iniciais e, se necessário, reveja os próximos passos.

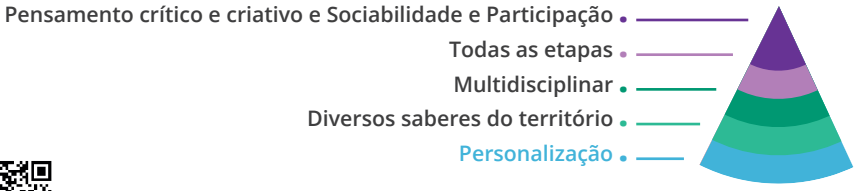
Institucionalize

- Compartilhe sua sequência com outros colegas que possam potencializar as ações de sua proposta. Procure também descobrir quem já trabalhou o mesmo tema e quem costuma utilizar recursos diversificados para aprimorar sua prática.

#ficaadica: De acordo com as especificidades de cada sequência, é preciso diversificar atividades coletivas, grupais e individuais. Essas organizações são critérios didáticos que precisam ser pensados com base nos objetivos da cada etapa e nas características da turma. Elas podem estimular o trabalho de diferentes habilidades e competências dos estudantes.

TUTORIA

A tutoria é uma prática pedagógica que compreende encontros de alunos com um professor tutor, com vistas a orientar um projeto de pesquisa individual ou coletivo. O tutor tem o papel de definir, junto ao aluno, roteiros de estudo personalizados que o ajude a se organizar, estabelecendo marcos e compromissos de pesquisa para obter os resultados do projeto. O principal benefício do roteiro de estudo é orientar, dia a dia, as atividades e compromissos assumidos pelos alunos, viabilizando o trabalho pedagógico contextualizado e interdisciplinar. A prática garante um processo de aprendizado autônomo e prazeroso para os estudantes.



Planeje

- Explique para os alunos os mecanismos de aprendizado que serão utilizados: o projeto e o roteiro de estudo;
- Peça para que os estudantes façam um levantamento de temas que gostariam de pesquisar e se aprofundar (exemplos: Como diminuir a fome no mundo? O que fazer para minimizar o aquecimento global? Como contribuir para a correta destinação do lixo? Quais são as ações possíveis para melhorar o trânsito nas grandes cidades?);
- Apresente os mecanismos de aprendizado, em conjunto com a gestão escolar, para professores de diferentes áreas de conhecimento e vejam quais deles têm interesse em ser um tutor;
- Defina um período determinado para o cumprimento dos projetos.

Implemente

- Divida os alunos em grupos a partir de temas de interesse. Caso haja estudantes cujo tema seja somente de seu interesse, o projeto pode ser individual. O importante é garantir que o projeto mobilize a curiosidade genuína de cada estudante;
- Organizem, coletivamente, a divisão de tutores considerando as especialidades de cada professor e o tema dos projetos (exemplos: aquecimento global com o professor de Geografia, correta destinação do lixo com o professor de Biologia);
- Estabeleça uma agenda de reuniões com os seus grupos. A sugestão é que sejam encontros quinzenais;
- Desenvolva roteiros de estudo diários que ajudem os estudantes a darem passos em direção ao objetivo de seu projeto. O roteiro deve ampliar a visão dos alunos e orientar sua evolução, fazendo perguntas que apontem caminhos;
- Comunique aos alunos a possibilidade de buscarem, também, os demais professores da escola, de acordo com suas especialidades, sempre que você, na condição de tutor, assim orientar.

Avalie

- Utilize os minutos iniciais de sua reunião com os alunos para avaliar sua evolução e perguntar o que está indo bem e o que poderia ser melhor;
- Avalie esta prática quinzenalmente, contando com a participação dos alunos.

Institucionalize

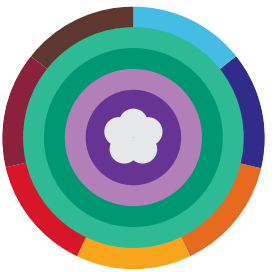
- Busque envolver mais professores e turmas até que esta possa ser uma prática diária da escola, não algo à parte do currículo. A prática permite unir alunos de diferentes faixas etárias e séries, garantindo uma troca e aprendizado entre pares.

#ficaadica: Faça a ponte entre os interesses genuínos dos alunos e os parâmetros curriculares nacionais. O professor deve assumir um papel de mediador, orientando a busca ativa e protagonista dos estudantes em direção aos resultados esperados do projeto de pesquisa.

BANCO DE PRÁTICAS

O banco incentiva a sistematização e compartilhamento de práticas pedagógicas da escola na perspectiva da Educação Integral, utilizando como fonte as inúmeras iniciativas que se propõem a compilar e disseminar atividades diferenciadas e inovadoras.
O exercício de sistematizar faz com que os professores avaliem, repensem e aprimorem constantemente a sua prática, além de fomentar um olhar para a colaboração entre educadores. Ter acesso a um cardápio de práticas da escola - ou eventualmente da rede - faz com que os professores possam refletir sobre seu plano para cada turma e, a partir disso, utilizar referências e inspirações para compor o seu planejamento pedagógico.

Todos os elementos da mandala, a depender da prática escolhida



educacaointegral.org.br/especiais/praticas-pedagogicas/praticas/banco-praticas/

Planeje

- Apresente aos professores sua intenção de iniciar um banco de práticas pedagógicas na escola;
- Faça um mapeamento das práticas já realizadas na escola, considerando ações em andamento e finalizadas;
- Desenvolva um modelo de sistematização, de forma a padronizar o olhar para as práticas. É importante que este modelo contemple: objetivos, ações realizadas, faixa etária recomendada, materiais necessários e resultados. Você pode complementar com outros itens, mas lembre-se de fazer um modelo simples e objetivo;
- Defina, juntamente com outros professores que se interessarem pela ação, um espaço virtual onde as práticas possam ser acessadas por todos. Para isso, vocês podem utilizar programas de compartilhamento de conteúdo (exemplos: OneDrive, GoogleDrive, DropBox) ou até criar um blog no Wordpress ou Blogspot.

Implemente

- Envie para os educadores o modelo de sistematização e combine um prazo para o envio das primeiras práticas. Depois desta primeira entrega, vocês podem combinar de fazer outras coletas periodicamente, como, por exemplo, a cada trimestre;
- Revise as práticas recebidas, apenas para garantir que o modelo foi respeitado e que as informações essenciais de cada prática pedagógica estão disponíveis;
- Crie categorias e organize as práticas a partir de critérios previamente definidos, facilitando a busca e o acesso dos educadores ao material;
- Divulgue para todos os professores da escola o espaço virtual onde as iniciativas podem ser acessadas;
- Nas reuniões pedagógicas, sugira que os professores apresentem suas práticas brevemente e promova momentos de reflexão e aprendizados coletivos.

Avalie

- Avaliem, coletivamente em reunião, de que forma a existência do Banco de Práticas tem contribuído para a melhoria da rotina pedagógica e para a implementação de ações mais inovadoras na escola;
- Verifiquem também se o tempo dos professores para reflexão pedagógica aumentou com a implantação desta ideia, assim como a troca de práticas entre os educadores.

Institucionalize

- Busque oportunidades para disseminar as práticas sistematizadas em outros âmbitos, tais como: premiações, sites, palestras, encontros realizados pelas regionais de ensino;
- Crie mecanismos para que os professores possam avaliar a efetividade e sucesso das práticas, atribuindo destaques e comentários qualitativos a respeito da realização.

#ficaadica: Para fomentar novas práticas, busquem também referências externas, considerando espaços virtuais que já oferecem práticas sistematizadas, como: *educacaointegral.org.br*, *educacaoeparticipacao.org.br/banco-de-oficinas*, *porvir.org*, *fazsentido.org.br*, *compartirpalabramaestra.org* (em espanhol), *tolerance.org/?source=redirect&url=teachingtolerance* e *edutopia.org* (em inglês).

FICHA TÉCNICA

Centro de Referências em Educação Integral
Associação Cidade Escola Aprendiz | Fundação Itaú Social | Fundação SM | Instituto C&A | Instituto Inspirare | Instituto Natura | Instituto Oi Futuro | Cenários Pedagógicos | Cenpec - Centro de Estudos e Pesquisas em Educação Cultura e Ação Comunitária |
Centro Integrado de Estudos e Programas para o Desenvolvimento Sustentável (CIEDS) |
Instituto Alana | Instituto Rodrigo Mendes |
Movimento de Ação e Inovação Social (MAIS) |

Publicação:

Iniciativa
Fundação SM
Fundação Itaú Social

Coordenação e edição geral
Associação Cidade Escola Aprendiz
Natacha Costa, Agda Sardenberg, Julia Dietrich e Vivian Garcia

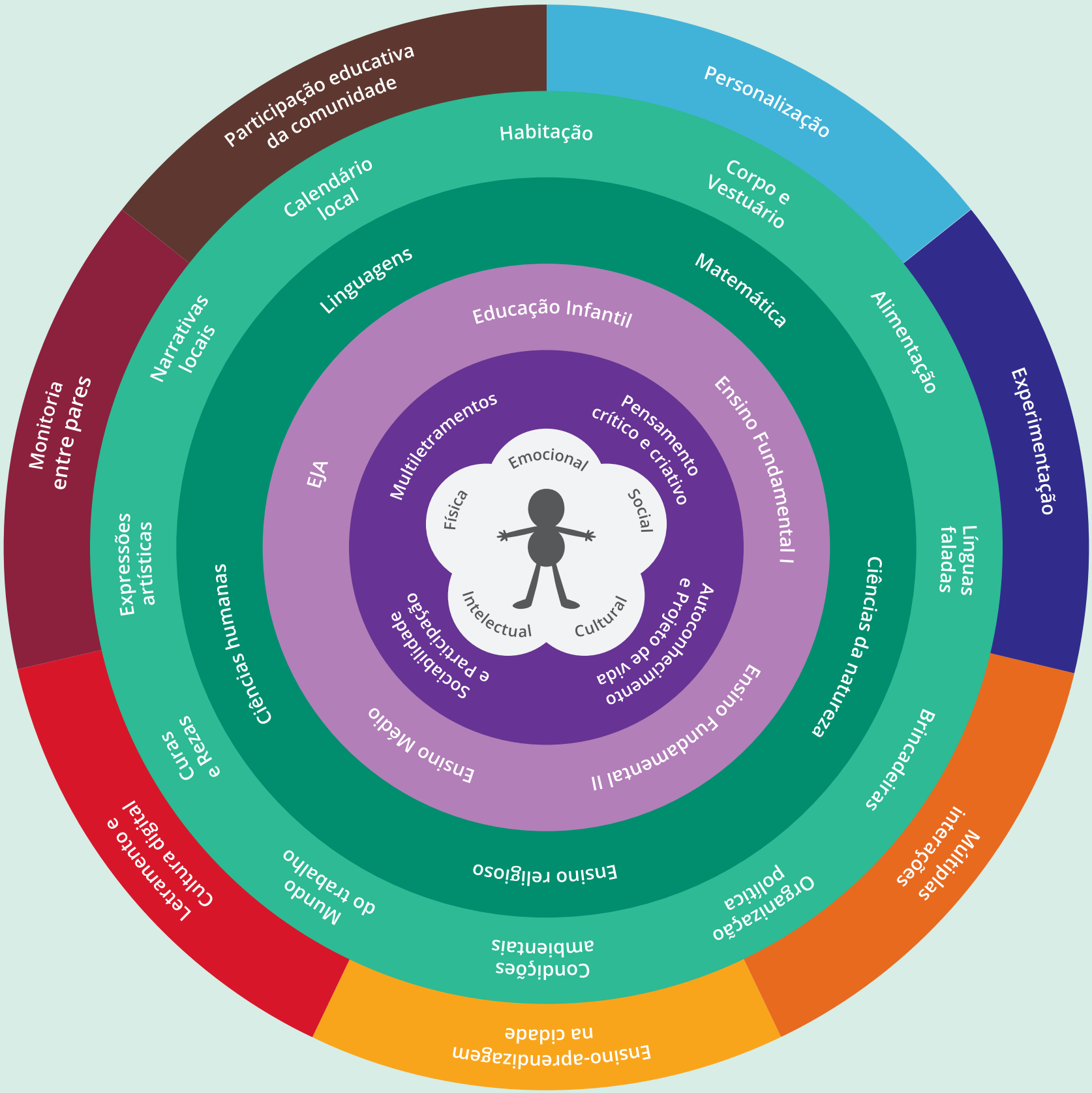
Sistematização, conteúdo e edição
Interação – Desenvolvimento de Projetos em Comunicação e Educação
Daniele Próspero, Amanda Aragão, Daniele Próspero, Paola Prandini, Raquel Lasalvia e Thaís Schwarzberg

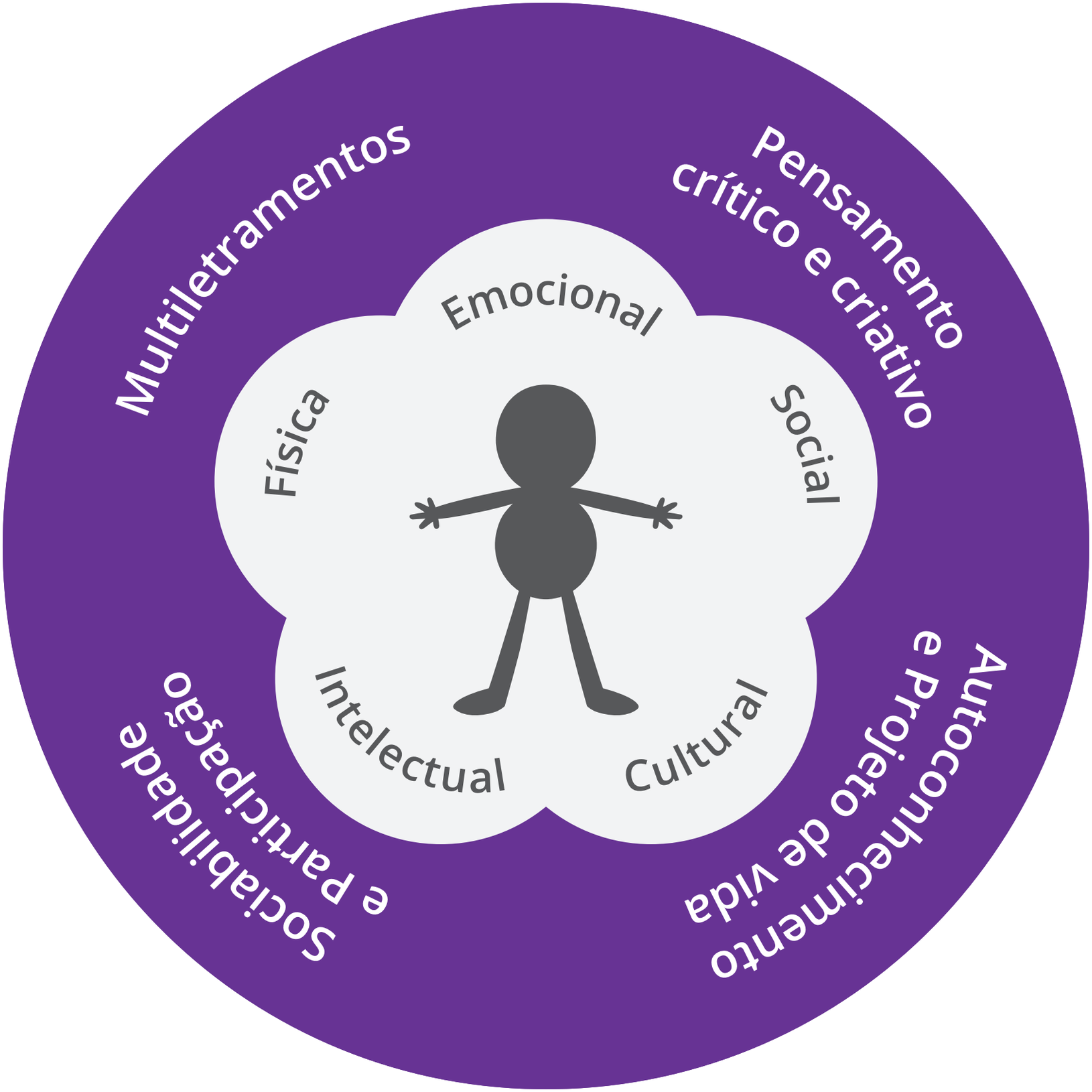
Revisão
Lila Zanetti

Diagramação e projeto gráfico
Associação Cidade Escola Aprendiz
Michele Gonçalves

Parceiros (práticas sistematizadas)
AfroeducAÇÃO | Associação Cidade Escola Aprendiz | Associação Companhia Terramar | Atina Educação | Cenpec | Centro de Educação Nery Lacerda | CIEDS | CESAR | EMEF Gal. Júlio Marcondes Salgado | EMEF Vargem Grande II | EMEI Nelson Mandela | Escola Nova | Fab Lab Livre SP - Chácara do Jockey | Hey Sampa | Instituto Alana | Instituto Catalisador | Instituto Natura | Instituto Oi Futuro | Instituto Rodrigo Mendes | Instituto Unibanco | Movimento de Ação e Inovação Social (MAIS) | Movimento Down | MEL - Media Education Lab | Museu da Pessoa | Projeto Âncora | Professor Luís Junqueira - Projeto Primeiro Livro | Rede de Aprendizagem Criativa | Sesc |

Apoio
Cenpec - Centro de Estudos e Pesquisas em Educação Cultura e Ação Comunitária


SABERES ESPAÇOS AGENTES TEMPOS
Participação educativa da comunidade
Personalização
Experimentação
Multiplas interações
Brincadeiras
Ensino-aprendizagem na cidade
Letramento e Cultura digital
Monitoria entre pares
Habitação
Calendário local
Corpo e Vestuário
Alimentação
Línguas faladas
Ciências da natureza
Mundo do trabalho
Organização política
Condições ambientais
Cursos e Rezas
Narrativas locais
Linguagens
Matemática
Ensino religioso
Expressões artísticas
Ciências humanas
Educação Infantil
Ensino Fundamental I
Ensino Fundamental II
Ensino Médio
EJA
Multiletramentos
Pensamento crítico e criativo
Autoconhecimento e projeto de vida
Sociabilidade e participação
Emocional
Social
Cultural
Intelectual
Física


Multiletramentos
Pensamento crítico e criativo
Autoconhecimento e Projeto de vida
Sociabilidade e participação
Emocional
Social
Cultural
Intelectual
Física